

10. Bibliografia

ABRAMO, Laís W. *O Resgate da Dignidade*. Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Julio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho e RUA, Maria das Graças. *Gangues, galeras chegados e rappers*. Rio de Janeiro: Gramond, 1999.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*. 7 (2), 2001, p.7-33.

_____ e GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Técnicos e peões: a identidade ambígua. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio; CASTRO, Nadya Araújo e AGIER, Michel. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/Orstom, 1995. p.39-73.

ALMEIDA, Ana Maria F. Ultrapassando o pai: herança cultural restrita e competência escolar In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (Orgs). *Famílias e Trajetórias Escolares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALVIM, Rosilene e GOUVEIA, Patrícia (Orgs). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

AMARAL, Azevedo. *O Brasil na Crise Atual*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho – ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

ARROYO, Miguel G. *The making of the worker*. Stanford University. Tese de PhD, 1982.

_____. Educação e participação do trabalhador. *Revista de Educação da AEC*. Brasília, 14 (56), pp. 35-46, abr-jun de 1985.

_____. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: FERRETTI, C.J. et al. (Orgs). *Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999. p.13-42.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR-14724: informação e documentação – apresentação de trabalhos acadêmicos – Apresentação*. Rio de Janeiro, jul.2001. 6 p.

BAJOIT, Guy; FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5 e 6, mai/jun/jul e set/out/nov/dez de 1997, pp. 76-95.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. São Paulo: Edições 70, 2000.

BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERTAUX, Daniel & BERTAUX-WIAME, Isabelle. Mistérios da baguete. *Novos Estudos Cebrap*, n. 19, p.116-142, sd.

BILAC, Elizabeth Doria. *Famílias de Trabalhadores: Estratégias de Sobrevivência*. São Paulo: Símbolo, 1978.

BOTH, Elizabeth. *Family and social network roles, norms, and external relationships in ordinary urban families*. New York: Free Press, 1971. Edição brasileira: _____. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

_____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: MORAIS, Régis de (Org). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1986. p.105-122.

BRANDÃO, Zaia. Família e escola na constituição da subjetividade. In: SOUZA, Solange Jobim (Org). *Mosaicos: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

_____. Elite's schooling in Brazil. *2002 Congress of International Sociological Association*. Brisben, 2002.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Lei 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º dos artigos 39 a 42 da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRUNO, Lúcia. Trabalho e atribuições dos engenheiros em uma montadora reestruturada. In: BRUNO, Lúcia; LAUDARES, João Bosco. *Trabalho e formação do engenheiro*. Belo Horizonte: Editora FUMARC/ PUC-MG, 2000.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. In: *Cadernos de Pesquisa*, n.110, p. 67-104, julho, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. *Culturas híbridas*. México: Grijalbo, 1990.

CANDAU, Vera Maria. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: _____. (Org). *Magistério, construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.237-250.

_____. Cotidiano escolar e cultura(s): encontros e desencontros. In: _____. (Org). *Reinventar a escola*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.61-78.

CARVALHO, Rui. *Tecnologia e trabalho industrial: as implicações sociais da microeletrônica na indústria automobilística*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CASTRO, Nadya Araújo. Organização do trabalho, qualificação e controle na indústria moderna. *Trabalho e Educação - Coletânea CBE*. Campinas: Papirus / CEDES; São Paulo: Ande, Anped, 1992. p. 69-86.

_____. Qualificação, qualidades e classificações. *Educação e Sociedade*. Ano XIV, ago de 1993. p. 211-224.

_____. Uma mirada interdisciplinar sobre as novas configurações do trabalho (anotações). *Seminário: Horizontes do Trabalho: uma mirada interdisciplinar*. Rio de Janeiro, IESAE, set/2000.

CASTRO, Nadya; GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Trabalhadores afluentes, indústrias recentes: revisitando a tese da aristocracia operária. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.35, n.2, p.173-191, 1992.

CEVA, Roberta. Forró e mediação cultural na cidade do Rio de Janeiro. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto. *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.107-126.

CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHARLOT, Bernard. A relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, n.97, p.47-63, maio de 1996.

_____. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Os jovens e o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, sd

COELHO, Suzana Lanna Burnier. *As disciplinas dos ‘indisciplinados’ - códigos de normas e valores de jovens favelados em uma região industrial*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

_____. De bandidos, boyzinhos e doidões ou de como e porque ser ou não ser peão. *Revista Educação e Realidade*, v.18, No. 02, Porto Alegre, UFRGS, 1992.

_____. O mundo do trabalho e a construção cultural de projetos de homem entre jovens favelados. In: DAYRELL, Juarez T. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p.105-126.

_____. Repensando um projeto de educação tecnológica referenciado na formação do cidadão-técnico: algumas reflexões para a formulação de novas propostas educativas. *Revista Educação e Tecnologia*. Belo Horizonte, v.2 (2), pp.52-56, jul-dez 1997.

_____. Pedagogia das competências: conteúdos e métodos. *Boletim Técnico do SENAC*. Rio de Janeiro, v.27, n.3, pp. 48-60, set/dez., 2001.

COLBARI, Antônia L. *Ética do Trabalho - a vida família na construção da identidade profissional*. São Paulo: Editora Letras e Letras/Editora da FCAA/UFES, 1995.

COLL, César S. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. São Paulo: Editora da UNESP/ Brasília: FLACSO, 2000.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando - uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Pensando a família no Brasil - da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987. p.115-136.

DAUSTER, Tania. Código familiar: uma versão sobre o significado da família em camadas médias urbanas. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, v.5, n.1, p.103-125, jan-jun, 1988.

_____. Representações sociais e educação. *Educação*. PUC-Rio, n. 52, jun de 2000.

_____. Cultura e pobreza – um recorte antropológico. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESTRATÉGIAS PARA A SUPERAÇÃO DA POBREZA. Brasília, 2002.

DAUSTER, Tania; MATA, Maria Lutgarda. A vida obriga a ser criança e adulto - um estudo etnográfico com crianças de camadas populares urbanas. *Educação*. PUC-RJ, n.9, novembro de 1992.

DAYRELL, Juarez T (org). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2001.

DECCA, Maria Auxiliadora. *A vida fora das fábricas – cotidiano operário em São Paulo: 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEMAZIÈRE, Didier & DUBAR, Claude. *Parcours professionnels et formes identitaires: une théorisation. Seminário: Estudos do trabalho - novas problemáticas, novas metodologias e novas áreas de pesquisa*. São Paulo, USP, out.2000.

DIDEROT, Denis. O sobrinho de Rameau. In: *Diderot*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

Dizionario di Filosofia. Università degli Studi di Bari, 2002.

DOMINGUES, José Maurício. Desenvolvimento, modernidade e subjetividade. *RBCS*. Vol. 14, n.40, p. 83-91, junho de 1999.

_____. *Sociologia e modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da Vida Nervosa das Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq, 1986.

DUBET, François. *Sociologie de l'expérience*. Paris: Editions du Seuil, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

DUMONT, Louis. *O individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.

_____. *Homo hierarchicus*. São Paulo: Edusp, 1992.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica cultural da sociedade moderna. *Ensaio de Opinião*. Rio de Janeiro, v.4, 1977.

_____. A família operária: consciência e ideologia. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.201-213, 1980.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. *Trabalho, escola e ideologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

EZPELETA, J; ROCKWELL, Elsie. Escola e classes dependentes: uma história do cotidiano. In: *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez, 1986.

FAUSTO NETO, Ana Maria Queiroga. *Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRETTI, Celso J. et al. (Orgs). *Novas tecnologias, trabalho e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRETTI, Celso João; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Educação profissional numa sociedade sem empregos. *Cadernos de Pesquisa*. N. 109, p.43-66, março de 2000.

FIGUEIRA, Sérvulo. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: _____. *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

FISCHER, Maria Clara Bueno. Concepção de educação da CUT: uma análise. 23ª Reunião Anual da ANPED. GT: Trabalho e Educação. Caxambu, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCCHI, Eglê. *A redação na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 5ª edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

FREDERICO, Celso. *A consciência operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *A Vanguarda Operária*. São Paulo: Símbolo, 1979.

FREYSSENET, Michel. *Les modalités de reproduction de la force de travail*. Paris: C.S.U., 1975.

FRIGOTTO, Gaudêncio. As mudanças tecnológicas e educação da classe trabalhadora: politécnica, polivalência ou qualificação profissional. In: VVAA. *Coletânea CBE: Trabalho e Educação*. Campinas: Papyrus; São Paulo: ANDE/ANPED, 1992.

_____. (Org). *Educação e Crise do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.76-99.

_____. Globalização e crise do emprego: mistificações e perspectivas da formação técnico-profissional. *Boletim Técnico Informativo do SENAC*. Rio de Janeiro, v.25, n.2, p.31-45, mai/ago 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. 20ª Reunião Anual da ANPED. GT: Trabalho e Educação. Caxambu, 1997.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1997. Do original *Modernity and self identity in the late modern age*. Oxford, 1991.

GITAHY, Leda. Educação e desenvolvimento tecnológico: o caso da indústria de autopeças. *Educação e Sociedade*, n. 45, p.225-251, agosto de 1993.

GITAHY, Leda e RABELO, Flávio. Os efeitos sociais da microeletrônica na indústria metal-mecânica brasileira: o caso da informática. In: *Anais do seminário padrões tecnológicos e políticas de gestão: processos de trabalho na indústria brasileira*. DPCT/IG/Unicamp-Iiep/Unesco, apoio IDRC, 1990.

GOMES, Jerusa V. Jovens urbanos pobres – anotações sobre escolaridade e emprego. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5 e 6, p.53-62, mai-ago e set-dez de 1997.

GORZ, André. Técnica, técnicos e luta de classes. In: _____. *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p.213-248.

_____. *Miserias del presente, riqueza de lo posible*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

GOUVEIA, Patrícia. 'Juventude adolescente pobre' e 'valor-trabalho'. In: ALVIM, Rosilene e GOUVEIA, Patrícia (Orgs). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p.59-80.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

GUEDES, Simoni Lahud, CASTAÑEDA, Dina Isabel F. e LIMA, Michelle da S. Saber de tudo um pouco: trabalhadores urbanos no Brasil e a ética do provedor. *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: As Linguagens da Lusofonia*. Rio de Janeiro, 2-6 setembro de 2002.

- GUIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1997.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Um sonho de classe*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*. 22 (2), p. 15-46, jul-dez de 1997.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HIRATA, Helena S. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, Celso J. et al. (Orgs). *Novas tecnologias, trabalho e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 124-138.
- _____. O mundo do trabalho. In: CASALI, A. et al. (Orgs). *Empregabilidade e educação: novos caminhos no mundo do trabalho*. São Paulo: Educ, 1997.
- HUMPHREY, J. Operários da indústria automobilística no Brasil: novas tendências no movimento trabalhista. *Estudos Cebrap*, 23, 1979.
- IBOPE. Pesquisa IBOPE / TGI / Associação Brasileira de Televisão por Assinatura. 2002.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD), 1998.
- JELIN, Elizabeth; TORRES, Juan Carlos. Os novos trabalhadores na América Latina: uma reflexão sobre a tese da aristocracia operária. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol 25, n.2, 1982, p. 189-208.
- KONDER, Leandro. *Os sofrimentos do “homem burguês”*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem - a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- KUENZER, Acácia Z. A questão do ensino médio no Brasil: a difícil superação da dualidade estrutural. In: VVAA. Trabalho e Educação. Coletânea CBE. São Paulo: Cedes/ANPEd/ANDE/Campinas: Papirus, 1992. p.136-156.
- _____. A reforma do ensino técnico no Brasil e suas conseqüências. In: FERRETTI, Celso J; SILVA JR., João R.; OLIVEIRA, Maria Rita N.S. *Trabalho, formação e currículo*. São Paulo: Xamã, 1999.
- KUSCHNIR, Karina. Trajetória, projeto e mediação política. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto. *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós, 1983.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- LAUDARES, João Bosco; TOMASI, Antônio. O técnico de escolaridade média no setor produtivo: seu novo lugar e suas competências. *24ª Reunião Anual da ANPED*. GT Trabalho e Educação, Caxambu, 2001.
- LAURENS, Jean-Paul. *1 sur 500 - la reussite scolaire en milieu populaire*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.
- LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche Ed, 1961. v. II
- LIEDKE, Elida Rubini. Mercado de trabalho e formação profissional. *Revista Brasileira de Educação*. ANPEd, n.04, p.60-75, 1997.
- LIMA, Jacob Castro. *Trabalho, mercado e formação de classe - estudo sobre operários fabris em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB, 1996.

- LIPSET, S.M.; BENDIX, R. *Movilidad social en la sociedad industrial*. Buenos Aires: Editorial Universitária, 1963.
- LOPES, José Sérgio Leite. *O Vapor do Diabo*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- MACEDO, Carmen Cinira. *A reprodução da desigualdade - um projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo: Editora Vértice, 1985.
- MACHADO, Lucília R.S. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1989.
- _____. Educação básica e educação profissional: novas tecnologias e novas competências. *19ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, setembro de 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. Antropologia urbana: problemas, questões e perspectivas. *23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia*. Gramado, Junho de 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba (org). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- MARTINS, Heloísa H. T. S. O jovem no mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, n. 5-6, p. 96-109, mai/jun/jul/ago 1997; set/out/nov/dez 1997.
- MARTINS, José de Souza. Dilemas sobre as classes subalternas na idade da razão. In: _____. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989. p.97-137.
- _____. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCWARCZ, Leila (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- MORCELLINI, Mario. *Passaggio al futuro - formazione e socializzazione tra vecchi e nuovi media*. Milão: Franco Angeli, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Homens de Ferro*. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1986.
- _____. *O desafio do conhecimento*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-ABRASCO, 1996.
- NAVILLE, P. *Tratado de sociologia do trabalho*. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1973. v. II.
- NEVES, Delma Pessanha. Mudança social: exorcizando fantasmas. *Antropológicas*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, pp.49-73, jan-jun 1995.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. *Teoria e Educação*. n.3, p. 89-112, 1991.
- _____. Elementos para uma discussão da relação classes médias/escola. In: ANPED. *Sociologia da Educação*. Porto Alegre: ANPED/ GT Sociologia da Educação, 1994, pp. 131-145.
- OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Mudanças no mundo do trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o Ensino Médio (Resolução CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e formação tecnológica. *Educação e Sociedade*. Ano XXI, n.70, p.40-62, 2000.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PACHECO, Carlos A. e POCHMANN, Márcio. *Expansão urbana e mercado de trabalho no Estado de São Paulo: um perfil econômico das principais regiões administrativas nos anos noventa*. Campinas, 1997. Mimeografado.
- PASSERON, Jean-Claude. O mapa e o observatório: alguns problemas atuais da pesquisa em Sociologia da Educação. *Teoria e Educação*. Ano1 (3), p. 69-88, 1991.

PASTORE, José; SILVA, Nélson do Valle. Andando para cima. *Revista Veja*, São Paulo, p.68-81, 16 de junho de 1999.

PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESSANHA, Elina e MOREL, Regina Lúcia M. Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Ano 6 (17), p.68-83, out.1991.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Trabalho industrial no Brasil: uma revisão. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.14, p.119-131,1975.

POSTHUMA, Anne. Reestruturação e qualificação numa empresa de autopeças: um passo aquém das intenções declaradas. *Educação e Sociedade*. n.45, p.252-267, ago.1993.

POCHMANN, Marcio. *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga M. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAINHO, Luís Flávio. *Os peões do grande ABC*. Petrópolis: Vozes, 1980.

RIZEK, Cibele Saliba. Palavras e imagens: representações dos trabalhadores petroquímicos paulistas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n.32, ano 11, p.61-82, out.1996.

ROCHA, Everardo. *A sociedade do sonho*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

RODRIGUES, José. A educação politécnica no Brasil: concepção em construção. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

RODRIGUES, Leôncio Martins. *Industrialização e atitudes operárias*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

ROMANELLI, Gerado. Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. Escola e família de classes populares: notas para discussão. *21ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 1998.

RUMMERT, Sonia M. *Educação e identidade dos trabalhadores – as concepções do capital e do trabalho*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

SACRISTÁN, Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomás T.; MOREIRA, Antônio Flávio. *Territórios contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SADER, Eder e PAOLI, Maria Célia. Sobre ‘classes populares’ no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.39-68.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SANCHIS, Pierre. A crise dos paradigmas em Antropologia. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p.23-38.

SANTOS, Eloísa Helena. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. *Trabalho e Educação*. Belo Horizonte, v.1, fev-jul de 1997, p. 13- 27.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SEGNINI, Liliana. *Mulheres no trabalho bancário*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SILVA, Nelson do Valle. Vinte e três anos de mobilidade social no Brasil. *Teoria e Sociedade*. N.4. UFMG, p. 181-211, out de 1999.

SOUZA, Donaldo Bello de; DELUIZ, Neise e SANTANA, Marco Aurélio. O entendimento da CUT, CGT e FS sobre o papel da educação face às transformações no mundo do trabalho: tensões e dinâmicas estruturais e conjunturais. *22ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, 1999.

STACEY, Judith. *Brave new families – story of domestic upheaval in late-twentieth-century America*. Berkeley: University of California Press, 1998.

TANGUY, Lucie. Competências e integração social na empresa. In: ROPÉ, Françoise e TANGUY, Lucie. *Saberes e Competências*. Campinas: Papirus, 1997.

TELLES, Vera da Silva. Família, trabalho e modo de vida – notas de uma pesquisa sobre trabalhadores urbanos em São Paulo. *XII Encontro Anual da ANPOCS*. Águas de Lindóia, 1988.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Tempos enredados: teias da condição professor*. 372 f. (Tese de Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

THOMPSON, Edward P. O termo ausente: experiência. In: _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 180-201

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Vols.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Vols. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. In: SILVA, Tomás T. da. *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, pp. 44-93.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais - identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VAN ZANTEN, Agnes. Relações sociais entre adolescentes em colégios da periferia: cultura da rua e cultura escolar. *22ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, setembro de 1999.

VEIGA, Cynthia Greive e FARIA, Luciano Mendes de. *Infância no Sótão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social. In: _____. (Org) *Desvio e divergência – uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Pensando a família no Brasil - da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987. p.79-88.

- _____. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas. *Espaço: Cadernos de cultura da Universidade Santa Úrsula*. Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1980.
- VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- _____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – algumas condições de possibilidade. *22ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 1999.
- VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra / UFF, vol.I, sd.
- WEFFORT, Francisco. Participação social e conflito industrial: Contagem e Osasco. *Cadernos Cebrap*, 1971.
- WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. *Sindicatos e Política*. (Tese de Livre-Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.
- WOORTMAN, Klaas A.A. Família Trabalhadora. *Ciências Sociais Hoje*. Cortez Editora / ANPOCS, p.69-87, 1984.
- ZAGO, Nadir. Relação escola-família: elementos de reflexão para um objeto de estudo em construção. In: VVAA. *Sociologia da Educação*. Porto Alegre, ANPED/ GT Sociologia da Educação, 1994.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a Revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANA, Hermano. *Galeras cariocas, territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- ZEROULOU, Zaïhia. La réussite scolaire des enfants d’immigrés. *Revue Française de Sociologie*. CNRS, 29 (3), p. 447- 470, julho-setembro de 1988.

11. Anexos

11.1. Anexo I – Roteiro de Entrevistas

Seguir linha de história de vida

Deixar o entrevistado dar a direção, ao máximo e selecionar os temas

Abordar, mais ao final, os temas não tratados. Conferir *check-list* abaixo:

I- Origem, infância, adolescência:

- origem social e geográfica dos pais, trajetória da família de origem, grau de escolaridade dos demais membros da família, empregos atuais;
- bairros em que a família residiu e grupos de amigos;
- papel do pai e da mãe, cobranças e controle, diálogo, tipo de educação;
- carreira escolar, perfil de aluno do entrevistado no ensino fundamental, projetos de futuro da família e investimento da família na escolarização, já pensou em parar de estudar, já repetiu ano
- sonhos de infância;
- ingresso na adolescência: ampliação dos espaços e relações, tipos de amigos (os valorizados e os evitados), transgressões, música, sexualidade, roupa e imagem, visão da escola, relação com a família

II- Experiências no IT:

- como ficou sabendo do curso técnico, motivo de ter feito o curso técnico e motivo da escolha do CEFET-MG;
- condições em que fez o curso: se posterior a curso médio já realizado, turno de estudo, se trabalhava, se era casado durante o curso, com quem morava, se era bolsista da escola;
- como avalia o curso: primeiras impressões da escola, experiências marcantes, principais aprendizagens, dificuldades, impressões sobre a turma, amizades com colegas, relacionamento com professores e funcionários, expectativas da família;
- aprendizagens a nível pessoal
- aprendizagens a nível profissional-técnico
- grupos freqüentados, espaços da cidade freqüentados
- o estágio: escolha, experiências e impressões.

III- Trajetória profissional

- Empregos: tipo, atividade, posição, relação com os colegas e chefes, conhecimentos demandados, salário, etc. Como vê a dinâmica do mercado de trabalho hoje. Descrição e impressões pessoais. O que mais gosta e menos gosta no trabalho

IV- Situação atual:

- Quando começou a pensar em fazer curso superior; grau de instrução dos irmãos

- Experiência associativa: igrejas, sindicatos, associações, etc
- Namoro, noivado e casamento: como começou e onde, significado
- Vida familiar: rotinas, planos, dificuldades
- Lazer: como se diverte, onde, com quem, rotina nos finais-de-semana
- Vida cultural: o que vê, o que mais gosta, programas de TV, esporte, leituras, onde vai
- Consumo: como investe o dinheiro, prioridades, onde compra
- Rotina atual: como é um dia típico
- Atividades de formação: se já realizou ou realiza, sobre o que, onde, por que
- Visão de sociedade: projeto social, avaliação da situação atual do país
- Comportamento eleitoral
- Vê diferença entre a educação que seus pais te deram e a que dá a seus filhos?
- Como vê o Brasil hoje?
- Sua visão de mundo é mais igual ou mais diferente da de sua família?
- Leu algum livro nos últimos 12 meses?
- Como vê a ciência e a tecnologia no mundo de hoje?
- Quais os limites e as possibilidades para os técnicos hoje?
- Tem ou já teve vontade de mudar de área?
- Diga 3 brasileiros que você admira

11.2.**Anexo II – Exemplo de entrevista**

PESQUISA: Visões de mundo e projetos de trabalhadores técnicos de nível médio

ENTREVISTA: Fernando

DATA: 07/05/01 (1ª. Entrevista de uma série de 4 ao longo de 2 anos)

LOCAL: Empresa metalúrgica em que ele trabalha, por opção dele. Tivemos uma sala bastante isolada para nosso uso. O chefe dele foi comunicado da entrevista que aconteceu no horário de trabalho.

Apresentações iniciais. Explico sobre a tese sobre os técnicos. Peço licença para usar o gravador.

S: Fernando, você podia começar me contando um pouco da sua história, quem é a sua família, onde você já morou...

F: Sim, claro. Eu sou de uma família que veio do interior, meu pai e minha mãe eram trabalhadores da roça, isso foi em 1968 ou 69. Meus pais são naturais de Catungii, próximo da Bahia. Devido à necessidade de educação e de saúde – minha família perdeu a minha irmã mais velha nessa cidade, aí meu pai vendo a necessidade de tratamento prá família e não tinha como, nós então viemos prá X. (*capital do estado*). Na época minha mãe estava grávida de mim, eu já vim nascer aqui em X.. Já tinha dois filhos vivos e mais essa que chegou a falecer. Isso foi em 68 ou 69 (que a irmã morreu). Depois da morte da minha irmã que meu pai resolveu vir prá X.. Eu sou de 72. E como meu pai era praticamente analfabeto, ele tinha 4ª série, a vida dele foi muito difícil.

S: Que bairro que vocês vieram morar?

F: Eu sei que foi lá pro B. (*bairro na região metropolitana*), não sei bem ao certo. Ele tinha um irmão que morava aqui e ajudou. Nessa época ele passou por muita dificuldade, não tinha grau de instrução nenhum...tinha serviço mas não tinha instrução, começou como vendedor de laranja, foi vendendo...passou a trabalhar como camelô. Aí que ele conheceu o senhor que hoje é o cunhado da minha mãe e esse senhor que começou a ajudar ele. Esse senhor já mexia com venda, na época ele já trabalhava com isso e começou a levar meu pai a mexer com isso, ser vendedor de loja. Aí meu pai já melhorou a situação, nisso começou a nascer meus

outros irmãos, minha mãe trabalhava como doméstica, ajudando também. Aí foi crescendo a família e aí meu pai conseguiu o terreno que hoje é ali na Y. (bairro industrial), próximo ao SENAI, aonde que nós moramos...uma dificuldade, foi construindo a casa, os filhos foram crescendo e uma das coisas que ele sempre procurou foi dar educação para meus irmãos, prá mim...

S: Próximo do SENAI é ali na Z. (*favela da região*)?

F: É. (Chega o Engenheiro que é o chefe do Fernando e diz que tb se formou no IT, em 68. Fez Enga. na PUC. Tem ótimas lembranças do IT. Diz que mudou bastante, a filosofia é diferente, a disciplina era militar, mas que deve continuar sendo uma boa escola, visto que a turma que está saindo de lá –referindo-se ao Fernando - continua boa. Tem um grande amigo lá, o E... Ele pede licença e retira-se.)

F: A Z. meu pai praticamente ajudou na época, foi líder comunitário lá durante muito tempo.

S: Lá tem Associação ainda?

F: Muito fraca. Não sei se você se lembra do acidente que aconteceu lá, enfraqueceu muito...Meu pai sempre procurou mostrar pros meus irmãos e prá mim também a importância da educação pro ser humano, ele nunca teve condição de estudar, sempre trabalhou na roça, mas quando ele veio prá cá ele deu muita importância ao estudo e um dos motivos de ele não conseguir um serviço foi não ter grau de instrução. Então ele sempre procurou mostrar prá nós que o que vai edificar o homem é a educação. Meu irmão mais velho fez SENAI, depois disso ele fez uma escola técnica aqui na UT. Hoje ele não quis mais estudar, chegou num nível que acho que prá ele já tá bom.

S: Ele é o que, técnico?

F: É, Técnico Mecânico, trabalha aqui na M. (*empresa metalúrgica*). Fez modelagem. Tem o segundo mais velho da casa, já fez um curso de Administração, superior e agora tá fazendo Ciências Contábeis. Eu fiz SENAI, Calderaria, fiz IT e agora tô fazendo Engenharia na PUC. Então basicamente os meus irmãos todos, pelo menos 2º grau eles fizeram. Tem uma irmã que fez técnico em Segurança do Trabalho e agora tá preparando prá fazer vestibular em Psicologia. E o caçula ainda tá finalizando o 2º grau e ainda não definiu o que vai fazer. Então minha vida

seria essa. O que me levou a ir pro IT, primeiro que nenhum dos meus irmãos estudou lá. Eu conhecia por causa...eu já tinha estudado numa escola técnica que é o SENAI, no B. (*bairro da região industrial*), lá eu só fazia o curso de Aprendizagem, que era separado do ensino fundamental, lá eu só fazia a parte profissional. E lá o pessoal começou: -Ah, quem pretende continuar pode escolher uma escola técnica. Eu na época só conhecia a UT. Conhecia assim o prédio do IT na avenida D., mas não sabia que atividades eram desenvolvidas lá. Tive oportunidade de uma vez de ir lá naquela feira (*de ciências e tecnologia*), aí que eu tive oportunidade de começar a entender o que era. Foi até um dos colegas que estudou comigo no SENAI que já sabia mais ou menos como é que ia ser e me convidou prá lá. Aí que eu comecei a entender como é que era o IT. Então eu não tinha noção. Depois eu empolguei pelo que eu vi, os trabalhos que eram desenvolvidos, o ambiente da escola, aí foi onde que eu comecei a me preparar prá mim fazer...fiz um curso no O. (*curso privado preparatório para o processo seletivo do IT*)

S: Nessa época você já trabalhava?

F: Na indústria, desde os 16 anos. No SENAI eu já era bolsista. Estudava na parte da manhã, almoçava no SENAI e à tarde eu ia prá empresa do grupo F. Como estágio, que eu não tinha condição de trabalhar. Acompanhando, como é o dia a dia da indústria, eu era um auxiliar de um caldeireiro. A partir dos 16 anos.

S: E antes disso você já tinha ganhado algum dinheiro...

F: Já, já trabalhava com...vender picolé, vender sorvete, a partir dos 12, 13 anos, ali mesmo no SENAI, nas indústrias da B. (*bairro da região industrial*)

S: Você estudava onde?

F: Estudei, acho que hoje nem existe mais, era o P.D. (nome da escola estadual) ali na G. (bairro da capital onde se localizava a escola), ele é próximo ao IT, é o antigo L. (*nome anterior da escola estadual, de grande projeção na capital*). Fiz a 5^a e a 6^a. Quando eu passei no SENAI, lá também era de manhã, eu tive que ser transferido. Aí eu estudei ali próximo à Z. (favela na região industrial onde ele reside) que é o C. (*nome da escola municipal*).

Referente ao o que que o IT mudou a minha vida, primeiro acho que foi uma satisfação muito grande, meu pai ver um dos filhos numa escola conceituada igual ao IT, prá um pai já é uma realização fora do normal. Prá mim também porque era mais um passo que eu tava dando na minha vida profissional. Na época eu já era caldeireiro, nesse período eu namorava com uma menina, ela engravidou, eu tive...assumi a criança, casei...então foi tudo nessa mesma época: passei no IT, eu já tava casado, tava com 20 anos, minha filha ia nascer no ano que eu entrei no IT. Aí graças a Deus eu tive apoio do meu pai, so meu sogro, eu consegui balancear as coisas. Formei.

S: Você trabalhava de dia e estudava à noite?

F: Eu entrei lá em Fevereiro de 92, em 92 eu casei, em julho de 92. Aqui na K. (*empresa metalúrgica em que ele trabalha*) eu entrei em outubro. De janeiro até outubro eu pegava uns bicos, ia lá de vez em quando...aí nesse período quando eu passei no IT meu sogro falou: - Vou ver se eu consigo alguma oportunidade. Na época ele trabalhava aqui na K. e trouxe meu currículo, o pessoal achou interessante por eu já ter trabalhado, já ter alguma experiência, já ter feito SENAI e estar fazendo IT, o pessoal resolveu me dar uma chance aí eu entrei aqui na calderaria.

S: Você entrou no IT no 1º ano?

F: Foi, no 1º ano. Na época eu fazia tanto o curso técnico quanto o 2º grau, à noite. Aí foi aonde...durante o curso eu achei normal, apesar de eu ter tomado bomba no 2º ano em resistência dos materiais, é o que todo mundo reclama. O professor eu não tenho nada que reclamar dele, é o J., excelente professor, tem fama de carrasco mas depois que você sai da escola você vê que não é nada de carrasco, ele tava tentando é ajudar os alunos a aprender, ter mais seriedade com a disciplina dele que é apertada. Também eu acredito que o motivo da minha bomba foi que na época eu perdi meu pai, em 93. Meu pai praticamente com saúde, trabalhou o dia todo, chegou em casa e teve um enfarto. Ele já tinha problema do coração, na época, acho que um dos motivos que levou ele a vir pra X. (*capital*) foi isso, ele já tinha doença de chagas. Então ele conseguiu fazer o tratamento, conseguiu conviver mais de 20 anos com a doença. Então praticamente foi um baque. Aí o peso da matéria que já não era fácil. E na época tinha uma pontuação mínima para se ter na prova final, senão pegava recuperação pela prova final. Graças a Deus passa-

dos os anos eles aboliram aquele sistema que mais sacaneava o aluno do que ajudava, mostrava se ele sabia mesmo. Tanto é que eu passei com 64 na matéria e peguei por AS (*Avaliação Somativa. Sistema de avaliação da escola em que, na avaliação final, era exigido um mínimo de 70 pontos na matéria de todo o ano*). Com isso fui obrigado a fazer uma nova prova, não fui bem. Tomei bomba, repeti todo o segundo ano, nessa época não tinha dependência. Minha intenção era formar com 4 anos, formei com 5. Mas não tem problema, fiz mais amigos...Tenho um dos colegas meus que eu sou padrinho de casamento. Tem um rapaz que trabalha aqui hoje num projeto que foi meu colega de escola. Poucas, mas fiz boas amizades. Esse rapaz que eu fui padrinho de casamento, ele está na mesma situação que a minha, ele já era casado, então por eu ser casado eu me sentia talvez deslocado. Minha preocupação era totalmente outra, minha preocupação era com leite de menino, a compra do mês, a escola pra minha menina. O pessoal não, na época eles tinha 20, vinte e poucos anos, as preocupações deles eram totalmente diferentes das minhas. Com isso eu peguei a maturidade bem mais cedo que eles, eu já era pai de família, tinha a responsabilidade de ter que estudar, dar conta da casa, trabalhar...

S: Sua esposa trabalhava?

F: Não, na época não. Nem hoje. Ela trabalhou alguns períodos mas devido à dificuldade então não tem como conciliar, não. Hoje eu tenho dois filhos então fica complicado prá ela sair de casa. Minha vida praticamente seria essa. Aí eu formei em 96, teve aquela greve que ficou mais de 4 meses e com isso eu fui formar em fevereiro ou março de 97, mas meu diploma saiu como 96. Com isso eu já trabalhava aqui na K., eu já tinha trabalhado em alguns setores. Esse senhor que foi o Zé Antônio que chegou aqui, pela minha atuação, pelo próprio pessoal, me convidou prá vir trabalhar com ele aqui na área de controle de qualidade, já tem 4 anos que eu trabalho aqui...97, fez 4 anos agora em Março. Na K. já vai fazer 9 anos que eu trabalho.

S: E você entrou na K. como o que?

F: Eu entrei como caldeireiro, era a qualificação que eu tinha na carteira: Caldeireiro. Aí depois eu passei para Traçador, que antes tinha uma divisão. Caldeireiro seria o cara que traça, corta, monta, faz tudo na parte de caldeiraria. Traçador ele

fica só restrito: ele só pega a chapa e desenvolve a chapa e passa pro pessoal trabalhar nela e vai ter uma pessoa prá montar. Então um período eu trabalhei como caldeireiro, traçava, cortava, montava, outro período eu trabalhei só na área de traçagem...é que tinha um rodízio, o pessoal saía, eles tentavam recolocar o pessoal prá ver quem que melhor adaptava. Depois disso, na área de usinagem que é um área mais criteriosa, teria que ter uma experiência a mais com medida, paquímetro, até mesmo calculadora, trigonometria, eu já tinha essa formação do IT que eu já tava no terceiro ano, eles me convidaram prá Usinagem. Toda vez que eu troquei de profissão eu tive um aumento salarial. Aí lá eu praticamente mudou a parte de serviço: era um serviço mais leve, mais tranqüilo, não tinha tanta trabalho braçal igual era na caldeiraria. Ficava trabalhando numa mesa com instrumentos mais precisos. Aí trabalhei lá mais ou menos um ano e meio a dois, aí foi quando eu formei no IT, com isso o José Antônio que é o Chefe do Controle de Qualidade já tava me observando há bem mais tempo, meu comportamento, minha maneira de trabalhar, minha responsabilidade...Igual ele me falou: isso tudo influencia não só a parte técnica, você pode ser um bom profissional mas não ter responsabilidade. Ele diz que foi sondando com os colegas meus de profissão, o próprio chefe da fábrica...procurando embasamento prá ver se eu atenderia a ele no que ele precisava. Aí quando eu formei ele me procurou e falou que tava precisando de alguém com formação técnica que no setor é uma área técnica que a gente trabalha praticamente envolvido em todos os setores, tanto na parte desde a engenharia até o recebimento de matéria prima, o controle de qualidade tá diretamente ligado, porque se precisa de uma especificação o controle de qualidade tem que passar essas informações prá engenharia. Se precisa de olhar um determinado equipamento, é o controle de qualidade que vai lá, receber clientes externos... então o controle de qualidade está atuando em todas as áreas. É uma área de grande aprendizado, que você não fica rotineiro a um determinado serviço: hoje você tá inspecionando aqui um determinado equipamento, amanhã você já tá na parte elétrica... A K. também faz equipamentos elétricos, faz eletromecânicos. Tem a parte de processo que é desde o recebimento da matéria prima até a pintura final, tem a parte de testes desses equipamentos. Ele precisava de uma pessoa prá cuidar do setor na parte de documentação, arquivamento, elaboração de documentação, eu faço isso em conjunto com o Zé Antônio. E cuidar da fábrica, porque na ausência de um inspetor, ele dá o nome de coringa, que trabalha em todas as posições. Na ausência de um

inspetor essa pessoa ir trabalhar nessa ausência. Como prá mim eu já tinha formação técnica, então a formação da profissão com ele foi mais tranquila porque ele foi me orientando. Eu já tinha noção do que que era, mas não tinha a prática. A prática ele foi me mostrando: - 'cê vai fazer assim, assim. Até hoje se vai aparecer um serviço diferente do que eu faço no meu dia a dia, chega e fala: -Isso aqui a gente vai trabalhar com essa e essas normas, é esse que é o parâmetro que a gente vai adotar...e trabalha sempre em equipe, porque são uns 6 inspetores prá atender uma fábrica de mais ou menos uns 100 operários na produção e mais o serviço que é feito fora que é o controle de qualidade também que vai acompanhar. Então é um a equipe bem reduzida mas muito coesa. Se determinado serviço depende de ir dois inspetores, vão dois inspetores, já tem um entrosamento.

S: Então você hoje está como inspetor? E posso perguntar qual é o seu salário?

F: Meu salário hoje é R\$ 1.103 reais. Esse é o salário-base.

S: Você está satisfeito com isso? Como você avalia?

F: Eu acredito assim, satisfação pela profissão, não, porque é um salário de mercado. Mas pelas possibilidades que eu preciso eu tô, tanto é que eu tô fazendo um curso superior prá que isso mude. Então se eu falar assim: -Ah, tô satisfeito, pela empresa, sim, que eu tenho uma certa limitação, porque se eu falar: -Eu quero ganhar 3000 reais, eu não vou achar isso no mercado. Então como profissão, sim, mas pro meu padrão, pelas coisas que eu preciso fazer e mais as coisas que eu quero conquistar, não.

S: Que coisas?

F: Eu quero ter uma casa! Hoje eu ainda moro na casa da minha mãe, é tipo assim, não tenho a liberdade...eu queria ter assim uma casa minha onde que eu posso ter as minhas coisas...É aquele ditado: quem casa quer casa. Quero ter um carro. Quero dar uma boa educação pros meus filhos. Eu tenho uma menina com 9 anos que está numa escola pública! Infelizmente tem que falar a realidade, a escola pública acabou no Brasil...Quando eu estudei na escola pública era totalmente diferente, eles tinham a preocupação realmente de ensinar. Hoje, não, hoje eles querem formar simplesmente, o aluno tem o 2º grau, tem. Vamos ver o que a pessoa realmente buscou essencial: quase nada. Porque eu acredito num...não quero entrar no

mérito da questão que isso seja coisa do governo ou se é...vamos tirar a parte política. Mas a educação hoje no Brasil é prá aumentar a estatística da população alfabetizada. Eu acredito nisso: aumentar a estatística. Independente se a pessoa vai sair sabendo que $2+2$ é quatro, não interessa, o importante é a pessoa ter o 1º grau.

S: Você percebe isso com a sua filha na escola?

F: Não, eu vejo no geral. Porque vou te citar exemplos que eu conheço, porque eu tenho uma facilidade muito grande com Matemática porque eu tô na área de Exatas, que é uma área que eu gosto. E não...pessoas falam: -Ah, o Fernando sabe Matemática. Me chamam de professor. Não me considero professor. A base que eu tive de Matemática é totalmente diferente do que esses rapazes de hoje têm. Tanto é que a gente ver o que eles cobram no vestibular, é basicamente de 5ª a 8ª série, mas a formação é muito pouca. Eles deixam de dar uma continuidade em determinados assuntos porque aquilo não vai ter muita importância. E não é. Quando você vai estudar um curso superior, 80% dos meus problemas eu resolvo com coisa de 6ª série. Quando eu falo isso pro pessoal de 6ª série eles não acreditam: eu aplico lá MMC, regra de 3, são coisas assim não tão fáceis igual à deles, mas a base...A gente percebe assim a Escola Plural, por exemplo: quando eu te falei que eu tinha tomado bomba no 2º ano do IT. Mesmo as matérias que eu não tive problemas, quando eu estudei eu já estudei de uma outra forma. Procurei ver a coisa de outra forma. Talvez eu esteja errado. Mas hoje o que que eles fazem? Um aluno tá numa determinada série, ele toma bomba: -Ah, acabou bomba! 'Cê pode continuar a fazer o seu curso que você toma dependência. Eu ainda sou a favor se o aluno não foi bem naquela matéria, que ele repita. Aí o que que acontece? Acabou a bomba, não existe mais bomba. Você vai lá, faz uma prova, se você não for aprovado você repete a prova até passar. Acho que é um negócio assim, não sei muito bem como está. Na minha época tinha que tirar 60, se tirou 49, volta. O que que é isso? Força a pessoa a aprender. Agora a pessoa vai lá, faz uma prova: -Ah, não fui bem, não, vou fazer outra até conseguir passar? E será que o aprendizado prá aquela prova demonstra o aprendizado dela do ano? Isso que eu acredito que a educação no Brasil tá simplesmente prá aumentar estatística: Tantos por cento da população tem 8ª série, que seria o primeiro parâmetro prá alfabetização, porque eu não sei se de 1ª a 4ª série é considerado parâmetro prá alfabeti-

zação. Muitas vezes quando a gente tenta fazer uma mudança, ou melhora, ou piora, eu acho que piorou.

S: Mas sua filha estuda em escola da rede de X. (*nome da capital*)?

F: Não, de C. (*cidade da região metropolitana onde ele mora e trabalha*).

S: E é escola plural?

F: é...eu não sei se é...agora você me apertou...Mas parece que a escola Plural é só prá X....Mas é como você sabe, meu tempo é o mínimo...de 2^a a 6^a na Faculdade, de 7 às 5 trabalhando, de 7 às 11 horas da noite na PUC. Saio daqui do serviço, chego em casa às 5:40, tomo um banho, a janta já tá pronta, janto, 6:20 eu tô indo prá PUC. Chego às 7, estudo, Sábado geralmente eu estudo...quando eu não tô estudando geralmente eu faço algum serviço aqui...E domingo é os Cálculo II da vida, é trabalho prá fazer...Então pode ser uma falha mesmo, mas eu deixo mais por conta da minha esposa: ela que vai em reunião, ah, tá precisando disso...senão eu não tenho como dar sequência. Minha esposa me ajuda, me apoia muito, porque ela sabe da importância que é o curso superior prá mim, prá ela. Quando você me falou qual que seriam a minha...os meus...o que eu tenho a conquistar...Uma das coisas é a casa, outra é um carro prá mim que nessa correria que eu ando...a casa, eu mesmo construir, porque quando eu casei eu mesmo tive aprendizado de construir. Acho que é interessante a construção. Se eu mesmo não construir, eu projetar prá passar prá um pedreiro.

S: Você trabalhou como pedreiro?

F: Trabalhei, o meu sogro me ajudou, minha casa foi feita em ritmo de mutirão. Outra coisa: é a minha esposa fazer um curso superior. Quando ela formou, no O. (*nome da escola*), como professora, não conseguiu entrar no mercado...O pessoal fala: professor é ruim...Mas não consegue vagas. Agora saiu uma lei que daqui a tantos anos só vai poder ser professor com curso superior. Não sei a partir de quando. Ela fez uns concursos mas não conseguiu passar. E o pessoal já tava dando preferência a quem tem nível superior prá dar aula. Então eu imagino...que tá faltando 4 anos prá eu formar lá na PUC. Daquí a 2 anos...3 anos, 2 ou 3 anos, quando eu tiver quase já em processo de formação, que já é as matérias mais tranquilas, que não vai me exigir muito, aí eu já vou começar a guinar ela prá ela fazer

o curso que ela pretende que é de Pedagogia, justamente prá complementar o que ela não teve. Prá eu e ela conseguir estudar, fica muito difícil, porque tem toda uma rotina já pros dois...aí é complicado. Porque quando eu tiver no último ano, aí eu vou parar, pretendo ainda fazer mestrado, tenho objetivo de fazer mestrado, vou batalhar...

S: O que você quer com o mestrado?

F: Eu pretendo dar aula, virar professor universitário. Uma das coisas que eu...Sonho, mesmo, seria engenharia, ser engenheiro mecânico. Mas com Engenharia eu acho que eu não vou conseguir tudo o que eu pretendo. Depois que eu formar daqui a uns 4 anos, pretendo parar uns dois, que vai ser o tempo que ela vai estar estudando. Nesse período eu pretendo fazer alguns cursos básicos: Inglês, que meu Inglês é mínimo, melhorar informática, que agora que eu tô começando a dominar...aprender, porque dominar nunca a gente vai dominar nada nesse mundo louco que tá aí, então pretendo fazer uns cursos assim, não tão pesados como o mestrado...Eu tô com 29 anos, vou formar com 33, depois com 35 eu começo o mestrado, acredito que ainda é uma boa idade. Dependendo da dissertação que eu pegar eu termino com uns 2 ou 3 anos. Então ainda pretendo ser um Mestre, não garanto, não, mas é o meu objetivo. Depois, partir prá outra.

S: Mas se o seu sonho é ser Engenheiro, por que é que você está querendo partir prá aula?

F: Acho que o mercado de trabalho tá cada dia que passa a gente vê que o negócio só vai reduzindo, reduzindo...Hoje, engenharia mesmo no Brasil, pode considerar que pessoa que trabalha fazendo engenharia mesmo são poucos profissionais. Por exemplo, aqui na K., quem trabalha como engenheiro, desenvolvendo, projetando, você pode considerar uns 3 ou 4 engenheiros mecânicos. O resto tudo é gerenciador de obra. A pessoa tá sendo um gerente e não um engenheiro. Então eu percebo isso, que se hoje tá assim, daqui a uns 4 anos a tendência é só piorar.

S: Você não tem muita atração por esses cargos de gerência?

F: Não que eu não tenha, mas é uma coisa muito limitada, também, você fica limitado. Ninguém sabe, dependendo de como vai ser a sua conduta profissional você limita. Tá, hoje eu tenho a minha profissão que o teto máximo é Inspetor Sênior,

não pela minha idade porque eu sou dos mais novos aqui, a maioria tem 50 anos, mais 25 de profissão, então você vê que são pessoas já bem mais experientes. Eu tô no mesmo nível deles, não pela minha experiência, eu tenho 3 ou 4 anos, mas por eu estar fazendo curso superior, esse curso superior me dá base de acompanhá-los. Então determinados problemas que eu vejo teóricos na escola, aqui eu vejo isso na prática e eles vêm na prática. Então a prática muitas vezes supera a teoria nesse aspecto que a teoria você vai ter...tem a formação, mas a prática te ajuda na hora de decidir bem mais do que você ter que ficar consultando livro...quando a pessoa já tem aquela experiência, já sabe até onde que ela pode pegar...Não que eu tô desmerecendo o cara que é só teórico, que é acadêmico, mas a prática, dependendo da situação do dia a dia ela vai te favorecer mais. Como é o meu caso: entrei aqui e já vim prá área de caldeiraria devido à prática que eu já tinha. Eu vim pro setor de Qualidade dividido à prática e à experiência, claro que a formação técnica também abre a porta, porque se eu tivesse a prática eu seria um bom caldeireiro. Se você for associando as duas, você vai e caminha, você vai desenvolvendo. E eu percebo que a gerência eu vou chegar num ponto que eu vou ficar limitado. Chegou aquele ponto, tá. Chegou a um patamar x, independente de salário que eu num...eu nunca visei salário. Acho que salário, o que que vai fazer meu salário? É o que eu sei fazer. Se eu sou um bom profissional, eu vou ter um bom salário. Acho que isso o mercado aí tem. O pessoal fica muito, eu vejo, hoje em dia o pessoal fala assim: -Ah, faz informática que informática é a profissão do futuro. Sim, mas prá você fazer informática você tem que gostar de informática. 'Cê tem que gostar de ficar 9 horas na frente de um computador. Senão não adianta você fazer informática. Então o que eu penso é o seguinte: se a pessoa tem gosto pela coisa, ela vai. Se não tiver, ela pára no caminho aí e fica o profissional frustrado. Aquele profissional que tinha todas as possibilidades e não conseguiu nada. Por isso que eu vejo a Engenharia hoje, é um campo que eu gosto. Faço primeiro por que eu gosto. Se não gostasse não 'taria fazendo Engenharia, passando sábado e domingo, passando noite acordado e caderno, livro, perdendo a melhor fase dos meus filhos...Eu tenho uma menina de 9 anos que eu não vi ela crescer. Daqui a pouco ela vai tá com 16 e puta merda! Eu não vi a minha filha crescer! Meu menino caçula também tá indo no mesmo ritmo. Então o que que eu tô tentando fazer? Eu tô tentando perder umas coisas prá eu ganhar outras. E se eu num gostasse, eu não ia fazer isso. Fazia: -Não, eu vou tentar viver com o salário

que eu tenho e o que eu fizer tá bom. Então por isso que eu vejo a limitação da área de gerência. Dependendo.. não sei se eu vou ser um engenheiro ou não, mas a tendência do engenheiro é essa. Porque o Brasil sendo um país dependente de tecnologia, a tecnologia já chega tudo aí. Para nós podermos criar, é um mínimo. São coisas mínimas em vista do que tá aí no mundo. A gente percebe que o Brasil ele prefere pagar não sei quantos milhões por uma tecnologia do que investir em ciências e tecnologia, do que investir em educação. Quanto que ele não taria tirando aqueles milhões que ele paga...

E aquele negócio que a NASA queria...é que eu acompanho o jornal assim pelos pedaços, não acompanho tudo...Parece que a NASA queria lançar um foguete daqui...O dinheiro é praticamente do Brasil, aliás, o Brasil pagou prá NASA colocar aquele trambolho lá e não tem condição do Brasil usar, tem que pedir permissão prá eles poder usar a tecnologia que praticamente é nossa, porque nós pagamos! Quando você não paga uma coisa não passa a ser seu? É isso que tá faltando nos nossos governantes é isso, observar mais do lado da educação. Que é só educação que vai mudar esse país. Porque você pode ir lá e jogar uma bomba naquele Congresso Nacional, tirar um bocado lá daqueles safados – não tô sendo terrorista, não – cê pode tirar, cassar 100% dos corruptos, se não mexer em educação não muda nada. Tira 100, entra 200 lá! Não resolve! Aí que eu vejo se eu não continuar, dar uma sequência nos meus estudos, tá bom, daquó 4 anos ter meu diploma de Engenheiro, e o mercado? O que que o mercado exige? Muito além do que eu tenho. Aí eu falo: -Putá merda! Eu passei 5 anos da minha vida dentro de uma escola, paguei o que eu tô pagando, que não é de graça, poderia estar investindo na minha casa que é meu sonho, na minha esposa...Aí eu chego lá, e agora? Não tem...Não por limitação salarial, porque salário não faz o profissional, o profissional é que faz o salário. Aí ‘cê vê que as suas possibilidades ao invés de abrir tende a fechar. E você estudando, ‘cê vai só abrindo seu leque. Você só vai abrindo seu leque. Se hoje, eu sair daqui e eu não conseguir trabalhar como inspetor de qualidade, eu volto prá ferramenta, porque é uma experiência que eu tenho. Se daqui tatos tempos tiver trabalhando como engenheiro, não ter mercado como engenheiro, trabalho como técnico. Então é essa visão que a pessoa tem que ter. Porque as escolas, acho que o IT também não tem essa preocupação de mostrar pros alunos que você vai chegar lá, vai ser Técnico Mecânico...Técnico Mecânico no mercado hoje são poucos! Por que? Primeiro porque você tem uma legislação prá técnico

específica, o CREA acho que determina um salário prá técnico. Qual empresa que vai deixar de pegar um profissional que tem uma determinada qualificação ou o que ela vai ser obrigada a seguir uma determinada legislação? Ela vai pegar o profissional que tenha uma qualificação abaixo porém não tenha tanta exigência que nem o CREA. Vai acontecer isso. Os engenheiros, apesar do CREA pro lado da Engenharia ele ser bem forte. Porque o CREA pro lado da Engenharia ele consegue manter determinadas coisas, não vamos chamar de mordomias, determinados direitos. Já no nível técnico, não. Então a escola tem que começar a mostrar que nem tudo é conforme...o cara vai ter uma formação técnica, que a formação técnica é o início prá ele. Não é porque ele formou em Técnico Mecânico que a empresa vai chegar e admitir ele como técnico mecânico. O esforço dele é que vai chegar ele a determinado patamar. Eu tive colegas meus no SENAI que formaram comigo e já chegaram achando que já eram caldeireiro, que ia ganhar determinado valor e que aquilo ali prá ele já tava tudo certo. Só que quando a gente entra no mercado de trabalho a gente vê que não é bem assim. Que você tem que ter formação, mas se você não tiver experiência...Com isso, nenhum trabalha na profissão de caldeireiro. A não ser eu, que falei: -Não sei nada, fiz uma escola mas agora é que eu vou começar a aprender. O que que a escola te dá? A escola te dá uma base prá você ter uma noção de onde é que você vai estar pisando. Você pode ser...prá você ser um especialista você vai ter que fazer uma especialização naquela área. O pessoal achava que já tem o curso de calderaria ou o curso técnico: pronto. Tá resolvido. Não, é o início. Seria a chave da porta de você chegar e abrir. Mas prá você conquistar o restante, é com o dia a dia, com a pessoa, o aprendizado, até mesmo a disciplina. Acho que nesse aspecto eu sou até rígido demais porque eu tive que ser. Se eu não me disciplinasse eu não tinha conseguido: criar minha família, trabalhar e também viver. Então nesse aspecto eu acho que eu sou até meio chato com essas coisas porque...Minha menina por exemplo: ela sabe da importância de estudar mas ela acha que eu pego demais no pé dela. Nem é ela, acho que o problema tá mais é comigo. Porque eu faço exigências prá ela como se ela fosse uma adulta. Porque quando eu tava lá na minha juventude, adolescência, eu já tava com a responsabilidade de uma pessoa adulta. Eu não me arrependo. Porque o fato da minha esposa engravidar não ia influenciar. Eu podia assumir a criança mas não era obrigado a casar. Eu acho que eu tinha a obrigação, obrigação ninguém tem, você tem que ter a obrigação com a sua consciência.

Mas e se fosse o contrário, se eu estivesse no lugar da pessoa, será que isso seria legal o que fulano tá fazendo com você?

S: Ela era vizinha sua lá?

F: Era. Desde os 10, 11 anos. Só amizade. Da amizade tornou-se namoro...(risos) Já namorava com ela desde os 15 anos, 4 anos de namoro...Tanto é que eu tinha plano de casar depois que eu saísse do IT e depois casasse. Antecipou. Em partes prá mim eu acho que foi até bom, hoje eu tenho uma visão totalmente diferente do que eu teria se eu não tivesse casado. Eu taria fazendo um curso superior mas não taria dando a importância que eu dou `educação. Eu poderia ter feito um curso técnico, estar ganhando o salário que eu ganho hoje e prá mim tá uma maravilha. Mas tem umas coisas na vida da gente que acontece por que tem mesmo que acontecer. Deus determina: você vai passar por isso. É uma forma de crescimento? Eu acredito que sim. Hoje eu tenho uma visão totalmente diferente do que eu tinha há 10 anos atrás. Mas eu percebo que eu vejo a importância que tem a educação mais outros fatores, a ética....

S: Você era estudioso quando você era menino?

F: Não! Tomei 3 bombas. No 2º ano, na 6ª, Matemática, expressão...

S: Então você acha que o que te botou disciplina...

F: Eu acho que foi, o meu casamento, me ajudou, não me atrapalhou. Se eu tivesse solteiro talvez eu num...eu estaria num curso superior mas não daria tanta importância hoje que eu dou. Tanto é que eu já penso aqui quando eu tiver 35, 36 anos eu começar um mestrado. Então já é uma coisa planejada. E se eu tivesse todo jovem, o que que eu ia tá pensando? Popozuda, Tigrão, divertir. Coisas que os meus irmãos mais novos fazem. A minha irmã mais nova vê a importância, porque a mulher amadurece mais do que os homens. Principalmente nessa maneira de ver o amanhã. Homem, não, se ele hoje tá bebendo, tá fumando, tá divertindo, prá ele tá ótimo. Ele vai começar a pensar isso a parti de amanhã.

S: E seus vizinhos lá, seus amigos de infância, e seu tempo de divertir?

F: O que que eu faço? Quando eu posso, a minha esposa libera, eu vou prá um forró ou danceteria e danço de 10 horas da noite até 4 da manhã. Eu já fui aqui no

Trem Caipira ali na T. (*nome da avenida onde se localiza a casa de shows*). O T. é um bailão. Quando eu tô tranqüilo, é vôlei, apesar do 1,65 eu gosto de jogar. Isso com os amigos da antiga, quando eu não tenho uns cálculos... E quando eu posso eu vou com a minha família pro clube. O Clube dos Trabalhadores em B. (*cidade da região metropolitana*), do SESI. Uma vez por mês...Agora minha família vai todo final-de-semana. Eu fico em casa estudando, divertindo com meus cadernos.

S: E seus amigos, você encontra, vai ao bar tomar uma cervejinha

F: Não. Eu tomo em casa, Não gosto de bar, não. Meu pai me ensinou a não gostar. Falava: bar não é lugar de homem ficar, não. Se quiser fazer alguma coisa, faz dentro de casa.

S: Como o pessoal te vê? Você deve ser meio diferente...estudou...

F: Meu irmão foi o primeiro. Eu sou o segundo.

S: Dois numa família só!

F: Dois numa família só. Minha mãe é orgulhosa! Pela dificuldade que ela passou e ver que um filho chegar num curso superior! Agora como que o pessoal me vê? Ah, Fernando é estudioso, sei lá. Só não me colocaram apelido de doido. Eles só falam assim, ó: -Ó, 'cê tem que dar um tempo, 'cê fica estudando demais, até minha esposa mesmo me regula nesse aspecto. Ela acha que eu deveria conciliar melhor. Mas um curso superior de engenharia ele é puxado.

S: E você está pagando...

F: Pagando.

S: Você não fez crédito educativo, não?

F: No primeiro período eu tentei o crédito, não consegui. No segundo período, prá mim não ter que parar prá rever a minha situação, eu diminuí a minha carga-horária. Passei a ser considerado aluno irregular. Porque lá você tem 3 tipos de aluno: o aluno regular que passa em todas as matérias e matricula em todas elas, é o que no início do curso e vai até o final sem parar nem tomar bomba nem nada. E em o aluno irregular por dois motivos: um por motivo financeiro, porque pesa e o

cara diminui a carga horária dele, ele prolonga o curso; e o outro que toma bomba. Se você tomar bomba você não tem seqüência numa determinada matéria, então você fica restrito. No meu caso, graças a Deus, sabendo do custo pra eu tirar 560 reais só pra eu ir lá e ficar assim,ah, tô assistindo aula, eu tô fazendo meu curso superior...Aí eu ia tá sendo desonesto comigo mesmo. Ou eu vou pra mim aprender a matéria e melhorar a minha situação que é o único caminho que eu tenho hoje, ou então eu não faço. Pra mim ir e ficar fazendo aquela média: -ah, eu tô fazendo curso superior eo pessoal ficar: -Oh! Não, num quero isso. Curso superior pra mim, simplesmente: é uma porta pra mim melhorar a minha situação. Porque hoje todo mundo visa é isso. Não adianta a pessoa falar assim: -Ah, porque eu visio fazer um curso superior porque eu sei que o curso superior vai me dar status. Te dá. Mas até um certo ponto. Porque a pessoa não tá querendo status, ela tá querendo melhorar a situação dela. Todo mundo quer hoje no mundo é isso. Melhorar a situação de vida. Se você melhorar a situação de vida, automaticamente você passa a ser um cara mais consciente, sabe dos seus direitos, sabe dos deveres, até onde você pode... Pra mim então ficar lá ah, mais ou menos ou passar colando, não, num tem esse negócio comigo. Eu acho o seguinte: eu tenho que tá lá e fazer bem. Aí minha esposa fala assim comigo: -Não, mas você pode estudar menos, 'cê não precisa...Principalmente nos 2, nos 4 períodos básicos da Engenharia básica, depois que eu vou começar a ver as matérias específicas da Mecânica. Agora que eu tô pegando a base, se eu for mais ou menos, quando eu tiver no final eu não consigo passar nem no Provão. Então é uma coisa assim que a pessoa tem que ter essa consciência. E lá dentro é poucas as pessoas que têm essas consciência. Só se for a pessoa que tira do dinheiro do bolso pra pagar. Porque se for o pai que paga, o cara tem uma noção totalmente diferente. Tem que fazer um trabalho, o cara: _Ah, deixa eu colocar meu nome aí? -Pode, uai. Acha que tá enganando a mim? Não, tá enganando a ele. Amanhã, esse profissional, o que que ele vai ser? Aquele trabalho que ele deixou de fazer não poderia ser um ponto a mais pro currículo dele? Infelizmente nem todo mundo...

Aí eu conversei com a minha esposa...eu participei do processo seletivo do FIES que é um programa de crédito educativo. Não cheguei a fazer a entrevista pra eu pegar a bolsa. Fiz a primeira entrevista, depois eles me deram o contrato pra ler. Nesse contrato eu vi que a coisa não era...tudo bem, eu vou ter 70% de abatimento na minha mensalidade agora. Junta, faz uma somatória desse abatimento durante o

ano. Eles te jogam 9% de juros ao ano. Durante esses 4 anos que tá faltando prá eu formar...o meu curso ia sair em 18 mil reais que o governo ia financiar e eu ia financiar uns 7 mil mais ou menos. Desses 18 mil teria mais um juro, mais uns 6 ou 7 mil reais de juros. Então quando eu formasse eu iria tá devendo uns 25 mil reais. Com 33 anos devendo 25 mil reais pro governo mais juros em cima? Daria uma prestação de 4 mil reais...o que que eu ia tá fazendo? Eu ia tá tirando o meu problema de agora transferindo prá depois que eu formasse. Eu decidi, se você concordar, eu vou fazer o seguinte: no ano de 2001 vai vencer umas férias minhas. Eu tenho o meu 13º salário. Eu devo conseguir em dezembro uns 3 mil reais em Dezembro. O que que eu falei com a minha esposa? Esses 3 mil reais é quase um semestre meu. Não vou fazer nenhum compromisso com esses 3 mil. No ano que vem eu já volto a ser regular. O que que acontece? Hoje eu já pago 200 e pouco. Então esses 200 e pouco eu tô conseguindo pagar. Então eu vou pegar esse dinheiro que eu tenho e vou complementar prá eu conseguir pagar. No ano que vem eu faço isso de novo. Até eu conseguir. Aí eu vou tentar pegar um crédito da PUC que me dá 40% de abatimento...eu fico devendo uns 9 mil reais. Parece que a PUC não tem juros. Acho que o que eu tô transferindo é hora-aula...pode ter aumento ou não. Nesse aspecto eu achei mais tranquilo porque se eu ficar devendo 10 mil é melhor do que eu ficar devendo 25. Ela concordou, ela tava com intenção de voltar a estudar, mas ela entendeu, vamos dar um tempo. Houve uma mudança de planos, vai atrasar alguma coisa, mas é melhor. O crédito educativo não vai resolver meu problema assim, E se eu não conseguir emprego como engenheiro?

FITA 2:

F: ... O papel da educação é fazer com que a pessoa perceba isso, graças a deus eu percebi, através de que? Meu pai que era uma pessoa muito correta, ele teve a dificuldade e...num quero passar isso pros meus filhos, e mostrar que nem sempre é o que o mundo oferece...A gente vê aí, ó, vê propagandas de escola, principalmente se é escola que paga: -Ah, você vai lá, faz um curso e você vai ter emprego. Agora acho que é a UNI, que tá lançando isso: quer ter emprego? Faça o curso superior. Não é, gente, não é isso. Não é. Tem que ter algo mais! O algo mais é isso, é essa vivência que a gente tem que ter no dia a dia e que só vai aprender como? Trabalhando. Eu acho, agora falando lá das empresas, as empresas teriam que ter um meio de abraçar as pessoas que estão lá dentro. Muitas vezes a pessoa

num foi um bom profissional porque não teve oportunidade. Como é que você vai ser bom numa coisa se você não sabe fazer? Como é que você vai fazer se você nunca pegou no negócio? Então eu acho que é um paradoxo: -Ah, eu quero um cara especialista mas eu não dou condição do cara ser especialista. Então o que que adianta? O que adianta a formação? Então graças a deus eu ainda agradeço muito porque as coisas aconteceram na minha vida assim, ó: eu estava no lugar certo e com as pessoas certas. Esse senhor que entrou aqui e falou que o IT ainda está formando bons profissionais, porque ele me acha um bom profissional. O que hoje a gente entende que é um bom profissional? Aquele que não te dá trabalho. Qualquer coisa que colocar na mão dela você não tem que estar ali: -Ô, fulano. Claro que tem que dar orientação porque precisa. Mas a partir do momento que ele deu orientação e que a pessoa já sabe o que que é, não precisa dele tá lá: - Ô! E aí? 'Cê fez aquilo? Isso aqui é o que eu queria? Então hoje a gente não está mais nessa condição de você chegar e ficar com alguém que é como um menino de levar recado. Como ele mesmo diz: - Eu quero uma pessoa que vista a camisa 10 e vai lá e marca um gol. Porque o sistema tá tão corrido, a gente tá nessa loucura toda, a informática cada vez acelerando mais a nossa vida, não tem como mais aquele aprendizado. Vamos pegar o caso das crianças de hoje em dia. As crianças de hoje em dia já tem internet, já tem computador, já fala inglês! Muito menino de 3, 4 anos já fala inglês! Eu vim conhecer inglês quando eu tava já na 8ª série ou na 6ª série não sei ao certo. Que eu vim conhecer o que era inglês. Antes nem usava. Então você vê que a velocidade que as coisas estão mudando é uma coisa impressionante! Eu falo assim: -E agora? Eu vou ser aquele cara careto, antigo, moderno demais, eu vou ser o tradicional? Então para você ver que, voltando pro lado da empresa, precisa conscientizar os empresários que a mão-de-obra que tá vindo aí precisa de ter essa condição. Como? É uma coisa que quem descobrir isso é o cara que vai ser mais rico do mundo. Porque a tendência é o que? É a máquina ir substituindo o homem cada vez mais, nós temos exemplos aí claros aqui...quando eu comecei a trabalhar nesse galpão aqui, era umas 50, 60, até 70 pessoas...hoje trabalham 30. 'Por que? A tendência foi comprando máquinas mais modernas...tem um caso de uma máquina aqui que ela traça, corta, fura, só não dobra. Mas todo tipo de corte ela faz. Com isso foram 12 profissionais que foi reduzido as vagas dele. É um paradoxo! Quando a gente passa prum nível de Engenharia, a Engenharia a obrigação dela é trazer inovações. Eu tô num campo que eu tenho que

buscar inovações. É um dos papéis da Engenharia. Só que a gente tá buscando inovações e tá esquecendo o lado social, o lado humano. Tá certo, um computador faz um serviço perfeito que 100 homens faz? Faz. Mas será que esses 100 homens não necessitam de viver? Eles necessitam comer, eles necessitam ter trabalho. Com isso a gente só tá fazendo duas coisas: a gente só tá aumentando as cadeias e os presídios. A tecnologia tá mostrando isso. Pega uma pesquisa e vê daquele pessoal que tá na cadeia, quantos que são alfabetizados? É o mínimo! O cara já não tem uma profissão, já não tem como ganhar dinheiro, o que que ele tende? Ele tende é a roubar! E será que ele tá roubando porque ele é um marginal, porque ele é ruim? Não, porque a sociedade não deixa ele progredir! Um pai de família: eu como pai de família. Eu ficaria...Eu graças a deus eu nunca passei por isso, passei apertos na vida, mas fome? Graças a deus eu nunca passei. A gente passa aperto, fica...dá cheque pré-datado, se vira, entra em cartão, entra em cheque especial, mas a gente vive. Mas a pessoa que não tem de onde ela tirar isso, como que ela vai viver? O filho não sabe o que que é juros, o que que é taxa, o filho não sabe disso, o que que é desemprego. Talvez ele deve saber porque o pai tá lá desempregado...mas o filho tá lá. Quem sofre são as crianças então a gente tem que entender isso. Então a sociedade em geral tem que repensar. Ela vai ter que repensar isso senão vai chegar um tempo...não tem como fazer uma cúpula prá separar aquela classe que é riquíssima vivendo num mundinho só e o resto morrer de fome! Tá tudo no mesmo barco, tá tudo na Terra. Igual aquele maluco que pagou 20 milhões de dólares! Prá que isso? Prá ir lá conhecer espaço! Prá que? Você vê a futilidade da pessoa que é rica. O cara que tem dinheiro, ele não tem a mínima noção. 20 milhões numa África! Olha prá você ver o diferencial que faz! Quando a pessoa tem muito dinheiro ela não tem a noção de que que é viver, mesmo. Porque viver é você ter tudo? Você quer uma coisa, você abre na geladeira? Realmente a pessoa que vive...porque tem o viver e o sobreviver. Não que eu sou contra as pessoas que têm tudo, mas a pessoa tem que saber dar valores. Porque muito fácil você chegar lá e falar assim: -Ah, pai, tô precisando de uma calça nova. Então tá. Vou te dar uma calça nova. Calça de 200 reais! E aí? Não que eu sou contra, mas talvez uma calça de 50 faça o mesmo que uma calça de 200. Mas a pessoa: -Não, eu tenho que ter porque a turma que eu frequento só tem a calça de 200, se você não me der a calça de 200 o pessoal vai te chamar de mesquinho...Então você vê como que é a nossa sociedade...os valores que a sociedade passa. A mulher. O

caso da mulher que é...Hoje tá uma coisa assim, se você liga o canal do primeiro ao último você só vê mulher pelada! Acho que isso é uma das piores formas de tentar vender um produto. Você quer vender um produto? Coloca Tiazinha ou as outras aí pelada. 'Cê acha que o pessoal vai tá preocupado com o produto? Não vai. As formas apelativas...e já tá partindo prá mediocridade, o negócio tá muito mesquinho...e os valores só vão reduzindo. Família? Que que tem família? Você vê o Fantástico. O único que ainda salva um pouco é o Fantástico. Você vê que tem menino de 12 anos que já tá namorando, dando o primeiro beijo e o pai e a mãe achando aquilo o máximo: -Ah, tá namorando, pega na mão...Dá dinheiro prá ir ao shopping. Aí tá, com 12 anos. Vamos considerar que com 12 anos a menina ainda não esteja...é...totalmente pronta prá ser mãe. Mas daqui a dois anos eles podem tá. E se o namoro for prá frente? No início que o pai achou muito bonito, ele vai ter um problema. Ele vai ter o que? Três criança prá ele criar. Então a pessoa não percebe isso: -Ah, que a sociedade tá moderna! Gente, tão moderno, claro que eu não posso dar a mesma educação que meu pai me deu ou que meus avós deram. Mas tem determinadas coisas que tem que ser tradicional. Se você deixar solto, 'cê vai prá três lugares, três limites: ou uma cadeia, ou um cemitério ou uma cama de hospital. A pessoa que não tem limite ela tem essas três opções. Eu tenho colegas meus que com 18 anos o cara tá preso! Preso! Por que? Porque não teve limite. Achou que o mundo...o céu é o limite. Não é. Porque o cara ter tudo na vida e não ter nada, porque o que eu percebo muitas vezes o cara ter as condições, é até desfavorável prá ela, porque quando ela tiver que assumir determinadas posturas na vida ela não vai saber. Ela não vai definir, não vai ter parâmetros. Por exemplo, o que que é caro no Brasil? Não sei. O que que é caro vai ser se eu tiver dinheiro ou não. Se eu quiser comprar um celular e tiver 100 reais eu vou achar mais ou menos, e se eu tiver 1 real? Ele é caro. Então a pessoa...igual a esse cara, 20 milhões prá ele é barato, uai. A gente não sabe quanto que ele tem! 20 milhões? Ah, isso é o que eu gasto uma semana viajando pro Caribe! Acho que é isso que está faltando em geral. A escola que vai mostrar isso? Eu não sei. A sociedade não vai, porque a sociedade vive disso! Ela vive de passar...Qual que é o sensacionalismo hoje, não é chegar na casa do artista e mostrar que ele tem 10 banheiro? (RISOS) Não é isso que dá Ibope? Sensacionalismo, manda o Ibope lá prá cima...Eu não entendo... Vamos pegar o tempo anterior, acho que na época o pessoal não tinha condição sanitária ideal, então o pessoal já fala assim o dia que

eu tiver uma casa eu quero um banheiro! Eu quero um senhor banheiro! Quando a gente vai pensar em alguma coisa pro banheiro, a gente: -Não, eu tenho que colocar isso...Muitas vezes coisa que a gente nem usa tem que comprar prá colocar dentro do banheiro! Acho que justamente devido ao passado, era fossa...Hoje em dia qual que é o conforto? Então o que a televisão em si mostra é futilidade. Não generalizando, vão pegar na média, o que tá em 1º lugar, em 2º, si lá. É isso! E o lado social são poucos que realmente procuram. Vão pegar o Ratinho. O Ratinho fica falando aquele negócio de DNA, que vão fazer...Tudo marketing!

S: Negócio de que?

F: De DNA. Acho aquilo uma pouca-vergonha! O teste eles pegam...vão supor: tem uma família que o cara foi lá, brigou com a mulher, tem um filho. Ele vai lá mostrar porque o cara é pai ou não pai. Aí paga o teste de DNA prá ver se o cara é pai ou não. Então isso é o que dá o ponto mil de Ibope. Agora, como é que um universitário cai na bobagem de ir lá e...(RISOS) O que a televisão apresenta é isso. Se você quiser ter uma cultura um pouco melhor, você vai pro canal 9, TV Senac, também tem uns bons programas...e agora tem a TV Evangélica...fica um caso à parte...vão separar. Apesar de eu não ser evangélico. A TV Evangélica tenta fazer o lado social, até um certo ponto, também. Mas o que dá Ibope é isso: ou é o Gugu mostrando mulher pelada, ou é Ratinho com DNA, ou é Faustão com aquelas palhaçada que eu não sei como que a Globo ainda mantém um cara daquele no ar, um cara mal-educado, mal-informado, não tem um pingão de senso... Então você vê, a nossa televisão é o reflexo da nossa sociedade, é o reflexo da nossa sociedade. E eu acho que isso não vai mudar tão cedo. O Congresso Nacional que todo mundo não ficou pedindo democracia? Aí, ó. Deu a democracia, o povo não soube usar a democracia. Os próprios políticos não sabem usar a democracia!

S: Você acha que no tempo da ditadura era mais...

F: Eu não vivi. Eu não vivi. Prá gente saber se uma coisa é boa ou ruim a gente tem que comparar com outra. O que que eles faz com a ditadura? A ditadura foi um dos piores momentos do Brasil. Sem dúvida! Matou, morreu, foi feito o que fez. Mas esse foi o lado negro. Qual foi o lado bom? O pessoal tinha emprego,

tinha saúde, pessoal tinha escola. Pega por exemplo esse senhor que esteve conversando aqui conosco, a educação dele foi totalmente diferente da minha porque eles preocupavam com isso. Hoje com que que os governantes preocupa? Em liberar 9 milhões pra mulher do Jarbas Barbalho lá fazer um criatório de rãs. 9 milhões! O que que são 9 milhões? 9 milhões 'cê monta aí uma empresa de tecnologia, 'cê monta até um centro de tecnologia. Rã? Rã vai trazer os 9 milhões de investimentos? Nunca! Isso, não tô acusando, não tenho prova, isso se os 9 milhões forma aplicados mesmo lá. A gente não pode acusar, não tem prova!

S: Como é que você tem notícia dessas coisas? Você não lê jornal!

F: Não, eu vejo o jornal da...aquela que era a Lilian Wite Fibe, agora não é mais, às 11 e meia da noite. A única coisa que eu faço é isso. Vejo jornal e Jô Soares. Geralmente eu durmo de meia noite e meia às 5 e meia. Já é determinado.

S: E dá prá você?

F: Não, num dá, não (risos). Quando eu num tô nem jogando vôlei, nem dançando, dormindo. Nossa! Quando eu não tenho nada prá fazer, que são poucos os dias, eu costumo acordar 10, 11 horas! Aí eu fico o dia inteiro à toa. 1^o de Maio eu fiz isso. Tirei o dia todo prá mim. Acordei 10, 11 horas, fiquei tranqüilo...tomei o café, brinquei um pouco com os meninos, almocei por volta de uma hora, duas horas eu deitei e acordei 7 da noite. E assim, maravilhado! Como se eu tivesse ganhado na Loto! Foram...na Segunda, acho que na Segunda eu trabalhei, fiz uns negócios...acho que eu dormi de Segunda prá Terça umas 10 horas, mais cinco...devo ter dormido umas 17 horas! Foi o céu prá mim. Agora quando eu tenho uma possibilidade eu leio um jornal, mas raramente! Tenho que pensar em 4 coisas: estudar, trabalhar, família e viver, que viver é o mínimo. Mas quando eu tenho algum tempo eu faço...teatro...

S: Você já foi ao teatro?

F: Já, duas vezes. Ali na (rua) R., é a I. (*teatro no centro da capital*). E uma quando eu passei no vestibular. Era Dom Casmurro, pelo cursinho que eu estava fazendo. Não é Dom Casmurro, não, é outro: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Gostei do teatro, mas foi no teatro que eu fui começar a entender o livro. O livro a gente não entende! Li aquela chatice assim...gosto de Matemática, Português eu

tenho um certo gosto porque é a língua e a gente precisa saber dela. Mas quando parte pro lado da literatura eu já não...não sou muito fã.

S: Mas você fala super bem! Como você desenvolveu isso?

F: Ah, acho que foi o dia a dia e os estudos. Mas tem hora que eu ainda falo errado. Alguma coisa ainda sai! Mas livro que eu li e achei excelente foi O Cavalo de Tróia, excelente! Eu não lembro do autor...A idéia...tem coisas que é científico e outras que não é. A NASA fez um projeto prá mandar 3 astronautas na época de Jesus Cristo com toda a parafernália...o cara estudou aramaico, acho que era aramaico que os caras falavam na época de Jesus Cristo. Escolheram 2 astronautas, um ficava na nave e outro ia à campo prá fazer as pesquisas. Eram pesquisadores. E dizem que encontraram com Jesus e conviveu os últimos dias com Jesus Cristo. Eu não tô conseguindo tempo prá acabar de ler. Tô na página 180. Tá lá!

S: E onde que você arrumou esse livro?

F: Onde que eu arrumei? Ah, não lembro. Tem muito livro...meus irmãos estudam, pegam um do doutro...eu sei que o livro tá lá. Excelente livro! Tipo assim, contesta algumas coisas do catolicismo, mas, se você ler e tirar a parte de religião – que a religião é coisa complexa, não adianta. Eu acredito, você acredita...a maneira de você interpretar a Bíblia acho que faz a religião. Tá certo, o padre estuda, vai profundamente na doutrina, estuda a Bíblia, ele vai ter uma maneira de interpretar a Bíblia. Eu que sou um leigo, você, pode ter outra. Então acho que a Bíblia é o comum prá todo mundo. Agora religião já tem...determinada religião aceita isso, outra já não aceita, outra já tá bem próxima mas tem que ver...então a religião em si acredito que é isso. Agora a pessoa conhecer da palavra que é a Bíblia, aí sim, eu acho legal. Sou católico, minha esposa é evangélica...Tanto é que minha esposa é evangélica, 14 anos de convivência, nunca tivemos atrito nenhum com religião porque ela respeita a minha parte e eu respeito a dela, não tem que ter atrito! A gente percebe o que? Que é um querendo falar: -Ah, por que a minha religião é essa, porque é a melhor, não é, gente...

S: Mas você não frequenta igreja, frequenta?

F: Ah, tô meio desviado!

S: Você já fez parte de grupo de jovens?

F: Já. Na Z. mesmo...eu tinha uns 17 anos...o grupo durou um ano. Acho que é Shalom. Minha atual esposa praticamente saiu o namoro de lá. Era assim: lá na Z. o pessoal era muito afastado, é as panelinhas. Cada um que ia fazer uma determinada festa, um evento, determinada panelinha assumia, as outras ficavam recuada. Então ficava aquele clima assim...não era entrosamento. O grupo de jovens veio prá entrosar. Ao invés de entrosar, separou mais ainda! Porque o grupo começou a ter divergências. Ah, um é o Presidente, o Presidente já não concorda com isso...é o Congresso Nacional! Não pela corrupção, mas cada um vai defendendo os interesses...e o que era comum que era a integração...teve vários eventos, vários passeios, por fim foi acabando, o pessoal foi afastando...

S: E Sindicato, Fernando? Você é Metalúrgico já tem um tempão. Você já foi alguma vez ao sindicato?

F: Poucas vezes. Eu acho o sindicato o seguinte: é bom, até um certo ponto. Porque que ele é bom? Por que se não tiver o sindicato, o patrão contra empregado...Aí a briga o patrão vence. Ele tem mais recurso, ele é mais forte! Mas a maneira que o sindicato age que eu não concordo. Eu não concordo com baderna. Acho que você pode convencer uma pessoa...aqui sentado numa mesa, educadamente, não precisa ficar: -Ah, a gente vai quebrar, vai dar porrada...

S: E o sindicato tem feito isso?

F: Não...não...não. Mas a imagem que a gente tem do sindicato é que eles são muito radicais, muito radicais. Eles preferem...tanto é que eu já fui sindicalizado...o negócio é mais político do que a essência que seria o que? Defender o trabalhador. Vai defender o trabalhador? Sim, mas com interesses além do trabalhador. Eu não concordo. O MST é isso. Hoje a gente vê o MST como um sindicato, que seja que quer quebrar. Ali tem a massa, que são todos os camponeses que estão sem terras. Vamos voltar pro operário que estão precisando de melhorias. Mas nós temos um grupo à frente que é o sindicato, que é os líderes do Movimento Sem Terra. Tô fazendo uma associação prá tentar...Temos objetivos em comuns? Temos. Vamos lutar por eles? Vamos. Mas de que forma? Ah, a gente vai quebrar...Não. Vamos fazer greve. A greve é uma saída? Não sei. Você já tem um salário reduzido, você ainda vai perder uns dias? E se chegar no final da greve

você não sair vitorioso. Quem vai arcar com isso? É um prejuízo! Então o sindicato eu acho ele muito rígido! Flexível alguns são, mas como é o consenso...Sem considerar muito...como posso dizer...tá muito politizado, tem muita política envolvida! Entrou na política, perdeu aquele objetivo de defender os trabalhador. A gente pode defender o trabalhador? Sim, mas vamos deixar a política de lado!

S: Por falar em política, você lembra em quem você votou na última eleição?

F: Depende de que. O prefeito...uhm...

S: Tem algum partido que você prefere?

F: Não, eu não sou parti...acho que partido não faz, não, porque os próprios políticos eles não são! Eles não têm fidelidade partidária! 'Cê vê fulano, hoje,,,-Ah, eu vou brigar...Olha o Itamar, ele ficou não sei quantos anos sem partido. Agora que já tá chegando próximo `a sucessão presidencial que ele: -Ôpa! Prá ele concorrer tem que ter um partido. Então prá você ver que partido não funciona. Agora eu votei no Ademir...Tem que lembrar quem que era o outro que tava aqui...É tanta coisa que passa que...tinha um outro que tava concorrendo com o A. (político do PSDB)...P.! (político do PMDB). Eu achei o P. devido ele...ele foi indicado...eu não lembro. Acompanhar política assim à finco eu não acompanho. Eu vejo algumas coisas que acontecem. P. ele ficou praticamente 3 anos do governo dele sem a gente nem conhecer quem é que era P.. Essa é uma verdade. P.? Ninguém nem sabia que existia. E no último ano ele resolveu partir prá ofensiva. Pá! Ele apareceu! Ele foi lá na Z., conheci ele primeiro pelo panfleto. Montou lá um ambulatório médico, dentista...Isso nos 3 anos ele não fez nada. No último ano, faltando um ano de campanha ele colocou isso lá e o pessoal muito empolgado...Eu falei: -Ah, não acho, não. Isso é ano de campanha. Ele tá querendo conquistar. E o Ademir eu já conhecia ele de outras épocas, era a 3^a ou 4^a vez que ele é prefeito aqui. De todos, acho que ele é o menos pior. Vamos usar um termo assim. Ele é o menos pior. Por que? Na época ele ainda conseguiu deixar FUNEC de graça, ele fez algumas coisas pela educação aqui em C. (*cidade da região metropolitana onde ele reside*). A melhoria...a saúde sempre foi aquele mais ou menos. O P. quando ele entrou...todo mundo vai pagar IPTU. IPTU em C.? C. é a Segunda cidade que mais arrecada em Minas Gerais. Acho que é isso mesmo. Termos de impostos. Prá que que vai sacrificar a população com mais imposto? Só de entrar no seu carro

‘cê já tá pagando imposto que é o IPVA. ‘Cê entra no banco ‘cê já paga imposto, ‘cê tá andando na rua, ‘cê paga imposto. Prá que que vai sobrecarregar a população com mais impostos? Aí que que ele fez? Ele começou...O Ademir pegou e fez a campanha em cima disso: que ia deixar F. (*fundação educacional profissionalizante ligada ao município que passou, recentemente, a cobrar mensalidades dos alunos*) de graça, IPTU e...outra coisa...Acho que foi esses dois tópicos. Aí ele tava ciente que ia perder, aí ele tentou reverter: -Não, agora meu IPTU eu vou dar não sei quantos por cento prá fulano...Pessoa quando quer fazer alguma coisa ele faz do início.

S: E prá deputado?

F: Não, não lembro prá deputado porque já tá bem antigo...

S: E presidente da república?

F: Lula.

S: Você não gosta de partido nem de sindicato, não mas você votou no Lula.

F: Fernando Henrique já tava aí. Na primeira campanha nas duas vezes eu votei no Lula. já tava batido. Apesar do Lula ser do PT e tal, mas eu acho o Lula um cara vitorioso. ‘Cê vê um cara que era metalúrgico e chegar ao nível de quase um presidente da república o cara tem que ser muito inteligente. Não é prá qualquer um, não. Se agente pegar realmente o perfil de todos alí que estão candidatos a presidente, o que nós vamos ver? O mínimo que eles têm é curso superior. Todos eles. A maioria deles. O Lula eu não sei se fez ou se não fez.

S: Não fez, não.

F: Então você vê, um cara que tem segundo grau e ele conseguir chegar num patamar onde que é a elite, que hoje ainda dá ainda prá falar que um curso superior é a elite, então você vê que é uma pessoa que merece! Agora você vê o Fernando Henrique: professor universitário, escreveu não sei quantos livros combatendo a pobreza, porque na época da ditadura. Quando ele entrou simplesmente ele falou: - Esqueçam tudo o que eu escrevi. Com aquilo ali, o que que ele fez? Ele simplesmente queimou a imagem dele prá qualquer programa que ele fizesse. Ele poderia no íntimo dele falar – Ah, não, se explodam prá lá. Mas o cara abrir a bo-

ca e dar uma declaração dessa! Eu não tenho mais nenhuma confiança nele, você teria? Então tudo o que ele escreveu foi mentira! Escreveu há vinte, trinta anos atrás, foi mentira. Fez as tese do doutorado dele lá, não sei se ele tem doutorado, acho que ele tem...fez as tese do doutorado dele baseado em mentira! Como é que a gente vai confiar um cara como esse que tá lá prá governar o seu dinheiro que tá lá', o meu dinheiro que tá lá.

S: Mas porque não sendo ele, porque não escolher um outro cara que tem curso superior ao invés do Lula que é do PT?

F: Hummmm...Na época a gente tinha o Ciro Gomes...quais que foram os outros? Paulo Maluf? Não, não lembro. O que vem mais na cabeça é o Ciro Gomes. O Ciro Gomes eu não conhecia. Ele tinha sido Ministro da Fazenda... Talvez o problema do Lula taria no PT, porque eles são muito radicais. 'Cê vai negociar comigo e fala: - Não é isso, e bate o martelo? Então não tem negociação! Vão ter que ceder. 'Cê precisa de que? 'Cê quer avançar nisso? Então 'cê precisa recuar naquilo. Isso que é uma negociação. Principalmente num país igual ao Brasil. Brasil é visto pelo pessoal aí fora como uma mina de ouro, galinha dos ovos de outro. Porque? Riquezas a perder de vista, uma extensão territorial enorme, um país que a economia tá começando, ainda tá ainda naquele balanço...Então o país é um país bom de investir, tá em evidência. Aí, o Fernando Henrique, o que ele pecou foi primeiro ele ter ido muito pro lado da burguesia, que eu não sei se ele faz parte, se ele é a burguesia ou se a gente confunde ele com burguesia...se é o próprio burguês. Porque ainda tem aquele negócio de burguesia mas vamos considerar o... a...parcela mínima rica do Brasil. Porque o Fernando Henrique decide, mas até um certo ponto. Porque quem decide mesmo é o Congresso Nacional, onde que tá o centro dos interesses é ali, no Congresso Nacional. O Congresso Nacional acho que não contribui nada pro país, nada, nada, nada. Prá votar lei? Já tem lei demais prá ser cumprida. Não precisa votar mais, não. Quem dera se fosse igual à Constituição dos Estados Unidos que tem 200 anos. Quantas constituição que nós já tivemos? Umas 8 ou 9, nem lembro, quando estudei história do Brasil, não guardei, mas umas 8 ou 9. Todas falhas. Por que? Entra determinado tipo de pessoa no poder e quer mudar a constituição prá beneficiar quem? Ele, um grupo. Ao invés de beneficiar a nação vai beneficiar um grupo. É o que tá acontecendo hoje. Hoje quem são os grandes beneficiados do país? O próprio governo que arrecada muito

imposto, nunca vi ter tanto imposto assim. A gente paga imposto a gente nem sabe prá que? CPMF é um exemplo. A gente tem CPMF prá que? Não é prá melhorar a saúde? Não melhorou! É o próprio governo que tá faturando. O próprio Imposto de Renda, tem uns 5 ou 6 anos que eles não reajustam a tabela lá, por que? Por que eles sabem que cada vez que a população vai melhorando a situação, é mais gente que cai na faixa. Tá na faixa? É mais imposto no cofre. Então prá que que eles vão tirar o queijo deles se eles já tão com a faca? E os grandes investidores. Igual esses grupos que vieram aí que podem colocar 5 bilhões aqui no Brasil. Eles colocam 5 bilhões e ganha 20! Quem não vai querer isso? Até eu! Se eu pudesse pegar o meu salário sabendo que eu ia ganhar 4 mil, eu não ia fazer? É claro que eu ia fazer. Sabendo que tudo tem um risco, mas qual que é o risco? Eles já fazem um sistema sabendo que o risco deles é zero! Igual o caso dos bancos: quantos bilhões ou milhões que o Fernando Henrique deu prá ajudar os bancos? Então são as duas classes privilegiadas no Brasil.

S: O que que resta pro trabalhador, então? Tem esperança? Você acha que tem esperança?

F: Não. Eu percebo não. Prá ter esperança tem que mudar muita coisa. Primeiramente a educação, a saúde. Porque não tem saúde. A gente paga um plano de saúde prá que você na hora que precisa você seja bem atendido. Só que chega lá a prestadora de serviço...a...esqueci como é o nome...chega lá fala assim:- Não, o seu contrato é só até aqui. Daqui prá lá você tem que pagar. Não teve o caso do Herbert Vianna, aí, o cara aí que praticamente tem possibilidades. A Golden Cross...Golden Cross? Não, a BRADESCO não tava querendo tirar ele lá do tratamento? Quanto que esse cara já deve ter pago? Porque se ele tem condição ele quer pagar uma coisa boa, não foi 100 nem 200 reais. Ele deve ter pago uma boa quantia prá quando ele precisasse...Mas só que isso não acontece! Então como que a gente vai ter esperança num país igual ao Brasil? A gente pode ter esperança, assim, esperança você considerar como um sonho, porque se você não tiver sonho 'cê não vive. Igual eu tenho meu sonho de formar. E se eu não tivesse esse sonho? Eu 'taria como? Não taria fazendo a Universidade. Não 'taria correndo o risco de investir 33 mil reais num curso superior, que se você for considerar todos os cursos dá mais ou menos isso, prá mim chegar: - Puta merda, 33 mil reais se eu juntar daqui a 5 anos, pô, 33 mil reais no Brasil faz uma diferença enorme! Não dá

prá passar aperto, cê pode viver tranqüilo! Tranqüilo, não, mas cê pode viver sem os apertos que a gente passa no ia a dia. Eu tô correndo o risco então...eu acho que realidade mesmo, não percebo muita esperança, não.

(ENTRAM ALGUMAS PESSOAS NA SALA. INTERRUPÇÃO RÁPIDA...)

F: O que eu percebo da realidade no país? Nós tão vendo a novela, desde que o Fernando Henrique entrou, tem 3 reformas básicas prá fazer no governo, não é? Uma foi da Previdência, outra a tributária, outra a Administrativa. Até hoje ele conseguiu fazer só a da Previdência, por que? Por que a Previdência era lucro prá ele. A Administrativa, será que ele vai quere mexer numa cumbuca lá? Saber que determinados cargos vai extinguir? E a tributária? É dele, também. A tributária ele vai tá ganhando em cima disso. Ele não vai querer mexer, igual o Imposto de Renda. Aí ele colocou como carro-chefe a da Previdência, porque não, a Previdência tá dando rombo, a gente não vai ter dinheiro prá pagar. Tem dinheiro, sim! Igual eu, eu pado desde os meus 16 anos em torno de...quando eu ganhava menos, 10% do meu salário, então 55 reais. Hoje eu tô com 1100, não é nada, não é nada, são 120 reais. Isso de um operário. E da massa do Brasil todo, da população economicamente ativa? E quantos que não são? Tem dinheiro, tem. É que são desviados. A gente sabe que são desviados. O caso da Georgina é um deles, que veio a público. Imagina o que são desviados ali que a gente nem percebe, né? Nem sabe prá onde...muitas vezes...só os escândalos mesmo. Então eu não vejo esperança por esse motivo, porque o governo manipula de tal forma...A gente não sabe se é o governo, se é o congresso ou se são os dois juntos, como que funciona mesmo os mecanismos internos a gente não vê. Daqui 2 anos tem eleição prá Presidente. Já se passaram 7 anos e ele ainda não fez a reforma. Por que que ele não fez a reforma? Porque ele sabe que se ele fizer, ele que vai ser o primeiro prejudicado, não a população. A massa do governo não vai poder mais colocar parentes deles! Se ele fizer realmente uma reforma administrativa ele vai ter que cortar isso, ele vai querer cortar de uma coisa que daqui a 2, 3 anos ele vai tá se beneficiando disso? Porque é o ACM. O ACM não foi 50 anos de vida pública? Quem que seria o presidenciável? Não seria o filho dele que morreu? Então, vai passando aí de pai prá filho...é a hereditariedade! Vai passando de pai prá filho. A nossa política é essa. E um país igual ao Brasil precisa disso? Não precisa! Nós temos tudo: temos riqueza mineral, riqueza...energia...tá havendo aí racionamento, talvez por causa de crescimento, ninguém acreditava isso que a economia ia crescer 4% de ano em

ano, aí determinados setores ainda não tão investindo...essa falta de energia eles já tão precavendo. Então o que que o governo tá? O governo tá no limite, então prá não haver racionamento tão lançando aí essa campanha, o racionamento. Então o que que a população fez? –Ó! A gente ficar sem luz é melhor a gente não ficar gastando. Porque eu lembro no ano passado já começou com isso. Acho que até prolongaram o horário de verão justamente prá que ficasse um período maior prá economizar energia. Nesse período, ninguém ouviu falar de racionamento, porque horário de verão...Na estiagem é que começa a ter o problema. Mas aí na época do horário de verão jpa começaram a falar: -Ah, deu blecaute em tal lugar...Agora eles já tão generalizando prá regiões. Por que? São as regiões que têm consumo. ‘Cê vai falar lá pro Amazonas que tem problema de energia? Lá é o mínimo! O consumo é o mínimo! Então onde que eles vão atacar? Vão atacar nos grandes centros que é o Sudeste e o Sul do país, que seriam os dois principais prejudicados. O Centro-Oeste não tá...o desenvolvimento industrial deles não é tão grande. Onde que tá o desenvolvimento? No Sudeste e no Sul. Então onde que eles tão fazendo a campanha mais forte. Uma das campanhas é a taxa que vai ser cobrada. Se você passar além, vai começar a pagar mais. Em parte eu concordo! Isso aí eu concordo com o governo, porque tem pessoas...graças a deus lá em casa eu consegui conscientizar o pessoa: -‘Cê vai tomar banho, tá lá. Aí tá ensaboando de baixo do chuveiro, chuveiro tá ligado! Reloginho rodando. ‘Cê vai escovar dente debaixo do chuveiro. Banho quente é ótimo? Mas tem um custo! Parece que o pessoal acordou. Uma das coisas que eu tô achando interessantíssimo é a energia solar! Gente, esse é um país que nove meses de sol! Até mais, dependendo do inverno. Vai começar agora, a partir de Maio, a temperatura a esfriar. Mas tem sol! Não é igual na Europa que tem 6 meses de inverno que você praticamente não vê a cara do sol. Até que enfim a Eletrobrás ... A PUC tem um projeto desses de desenvolver aqui no Bairro Sapucaia, até deu manchete, de desenvolver um sistema desses...É um país que tem tudo aí, gente, só não tem bons administradores. Porque se tivesse bons administradores, quem é os Estados Unidos prá ganhar do Brasil? Estados Unidos não produz, eles não têm a preocupação em produzir. Eles compram tudo! Por que? Eles já conseguiram juntar, conseguiram acumular. Coisa que o brasileiro não consegue. Quantas pessoas que você conhece que tem um objetivo de daqui a 5 anos estar fazendo um mestrado, que você conhece? São poucos. Que tem um objetivo. Então se vai fazer um mestrado, tem que se prepa-

rar prá isso. Preparar como? Financeiramente! Eu sei quando eu tiver lá não vai ser fácil, que vai ter dificuldade! E se eu não conseguir um mestrado aqui no Brasil? Apesar de que já tá bem mais fácil do que há tempos atrás. Tempos atrás você tinha que ir prá fora do Brasil prá fazer um mestrado. Hoje em dia dependendo a informatização você consegue fazer tudo na sua casa, só manda seus trabalhos. Então cê vê que o negócio tá melhorando! Então mas são poucas as pessoas que têm essa visão prá daqui dois anos. Brasileiro não têm essa visão, não tem. É cultural. Quer fazer hoje, ganhar amanhã. E o de manhã, quem sabe? Eu tô aprendendo isso no dia a dia, até mesmo com as pessoas que eu convivo a tudo o que eu for fazer, eu planejar primeiro. Tá. Eu vou entrar na Faculdade. O que que eu precisava? Um cursinho. Entrei. A minha casa, graças a deus eu consegui reformar ela antes de eu entrar na faculdade, por que eu sabia que quando eu tivesse lá, acabou! Tudo ia prá ela! Ia tudo pro curso superior. Então consegui planejar a minha vida...tentei um crédito educativo, não consegui? Tô mudando meu planejamento, tô guinando prá outro lado. Vai ser bom? Não sei. Só depois que eu tiver vivendo já a coisa é que eu vou saber. Aí eu mudo! É isso que eu acho que é o ideal: você saber planejar. Você saber onde você quer chegar, as armas que você tem o e tempo. Dinheiro vai ser bom até um certo ponto. Porque não adianta você ter dinheiro e não saber onde você quer chegar. Aí é o caso do americano lá que pagou 20 milhões por nada! Só prá falar que foi o primeiro civil a ir na lua! Ele podia ir na lua de outras formas! Não tem aí esse pessoal que usa drogas e não vai em outros países, não vai na lua? Não eu eu tô mandando ele usar drogas, mas ele iria! O cérebro humano é uma coisa fenomenal. Se ele cismasse que ele tava na lua, ele tava! Isso que deixa a gente indignado! Quando você liga o televisor e vê crianças morrendo na África, com fome, enquanto um cidadão pobre de espírito, esse cidadão é pobre de espírito! Ele tem dinheiro mas ele é pobre de espírito. A vida dele não evoluiu, não soube crescer, não soube ser humano mesmo, o lado humano da coisa. Que a gente tem os nossos egoísmos mas a gente tem o lado humano, perceber que tá morrendo é pessoa, é carne, é ser humano, é semelhante! Cristo falou duas coisas: amar a deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Será que ele tá amando o próximo? Ainda mais gastar 20 milhões! E ainda incentivando mais gente a ir! Porque se ele ficasse só na loucura dele? Ainda incentivando mais. Pode esperar que vai ter mais! É a futilidade! O mundo tá caminhando prá futilidade. Os países poderosos estão percebendo isso: não adianta

ficar segurando: -Ah, isso aqui é meu, isso aqui é meu. Vai chegar uma hora em que eles vão ter tudo e não vão ter nada! A gente viu no 1° de Maio: onde que foram os piores protestos do 1° de Maio? Todos são bem de vida, que a população é bem de vida. Todos. O Brasil que a gente pensou que ia ter quebradeira, acho que foi só em Belo Horizonte que eles queimaram a bandeira aqui. Acho que foi só isso. O resto foi festa! O pessoal tá feliz porque hoje eles tão comendo mais. E lá, não. Por que que tá tendo essa revolta? Eles tão vendo que eles tão perdendo o que eles tinham, direitos que eles tinham adquirido eles tão perdendo, eles vão ficar revoltados! Então é isso que faz com que determinadas coisa mude! E vai mudar? Tem que mudar, gente! Não tem como os Estados Unidos faturar não-sei-quantos milhões no mundo e o pessoal...não o Brasil, porque o Brasil tem condições de sustentar. O Brasil só tem que ter vergonha na cara, investir em educação! Investe em educação e saúde prá ver que esse país vai ser um dos primeiros países do mundo. Investe! Investe em educação! É o básico. Se a pessoa é educada, ela sabe! Isso que eu tô te falando eu adquiri com educação! Não foi...claro que as experiências do dia-a-dia, os meus erros...Mas foi aonde? Foi no banco de escola que eu adquiri isso, essa visão que eu tenho. Muda, a educação...e outra coisa que talvez não a educação da pessoa chegar e construir mil escolas, não adianta. O que que adianta construir mil escolas se nós não temos professores preparados prá ensinar? Educação é isso, é um todo. Não adianta você falar: -Então tá. 'Cê vai dar educação? Vão lá, constrói mil escolas aqui igual o Color começou a construir aqueles CIAC. O que que adiantou aquilo? Aquilo hoje é museu! Passa lá na C. (*avenida de uma região da periferia da capital*) e vê lá aquele museu. A gente passa aqui na BR indo *pro I. (bairro da cidade em que ele mora)*, outro museu! Prá que construir escola se já tinha escola! A gente não tem que construir prédio, a gente tem que valorizar a instituição que é a escola! A escola é considerada uma instituição. Acho que é isso que a gente tem que valorizar. Não é a parte física. É você dar melhores condições do professor prá ele ensinar, é melhorar a alimentação! Quantos e quantos alunos não vai lá prá alimentar porque não tem em casa. Não é uma verdade? Quantos e quantos nunca viu o que que é um computador, chega lá fica lá até assim...O computador vai lá, faz uma coisinha, o menino até assusta! E vou te contar outra coisa, uma coisa banal, tipo assim: banal entre aspas, prá quem tem o poder aquisitivo...entre aspas, vamos chamar de classe média, porque eu nem sei mais de que classe que eu sou...porque o negócio cada dia tá

piorando mais! Porque antes tinha média-baixa, média-alta, agora não tem mais esse parâmetro! Tem três classe: a pobre, que não tem mais cesso a nada, a média que é a que sustenta e a riquíssima. Não tem mais aque...porque –Ah, mas a classe média-alta...A classe média alta tá pior do que a média-baixa! Então acabou aquela subdivisão: -Não, porque você pertence à classe média A,B...Só tem três classe: é...desculpa da palavra: os miseráveis que num...vão chamar o pessoal lá do Nordeste, do Vale do Jequitinhonha, que eles não têm acesso à nada, o mínimo! Nem o mínimo de sobrevivência. Essa seria a classe pobre, pobre mesmo do país. Teria a intermediária, que seria a média, aquele cara que ganha um pouquinho mais...Então teria a classe rica: -Ah, eu saio daqui hoje e vou lá em Nova Iorque. Os grandes cantores aí, o Zezé de Camargo, os pagodeiros, os Ronaldinhos da vida. Essa seria a classe rica. Mais os políticos e mais aqueles que agora tem um novo termo: rico emergente. É o que ganhou dinheiro trabalhando. Tem lá no Rio de Janeiro a mulher que fez a festa pro cachorrinho dela. Então, tirando isso, gente, todo mundo a mesma coisa. Talvez eu ser mais favorável, ter uma condição maior, pior, eu pago mais imposto! Novecentos reais! A pessoa que ganha 900 reais pagar imposto de renda! O que que são novecentos reais no Brasil? Uma Faculdade que custa 550? Um plano de saúde que é 180! Aí, tudo bem. ‘Cê vai lá, ‘cê recebe seus 950: -Ah, agora eu vou buscar o que o governo me tomou. O que que acontece? ‘Cê chega lá, aí tem lá: Educação: 1700. ‘Cê paga 9 e desconta 1700! Então ‘cê vê que o negócio não é por aí não, gente! Não é, não é! Curso de Inglês, é importante? Vai você fazer alguma entrevista de emprego, fala assim: - ‘Cê tem algum idioma? – Só Português. – Ah, muito obrigado. Sua ficha vai ficar aqui... É a realidade. Curso de Inglês é importante? É. Mas ‘cê vai colocar curso de inglês no seu imposto de renda, dependendo eles não aceitam. Então o país é esse? É a música do Renato Russo: Que país é esse? Aquilo ele fez há 13 ou 14 anos atrás. Então a gente vê que a tendência das coisas é só ir piorando! A tendência é piorar! Não vejo aquela saída assim...porque antes a gente imaginava aquela luz, um buraquinho lá no final, uma portinha lá no final do túnel, que a gente ia passando no escuro até um dia a gente conseguir alcançar! Hoje eu não vejo nem,,nem um tantinho assim, um buraquinho no final do túnel! Porque a gente não tem a perspectiva! Não tem! Como que a gente vai chegar num após e falar assim: -Ah, um governo que chega e fala: igual foi o caso do Fernando Henrique com os aposentados, ele é aposentado! Ele tem duas ou tres aposentadorias e

ter a coragem de falar assim: -Trabalhador que aposenta com 50 anos no Brasil é vagabundo! Onde que tá o respeito? Muitas vezes a pessoa trabalhou 25 anos prá produzir riqueza pro país e o presidente que deveria ser o primeiro a respeitar, fala isso! O presidente falou, imagina os assessores dele, quem tá por baixo dele, porque ele é considerado o primeiro escalão do governo, né, imagina o segundo, o terceiro, quando chega a um vereador! Então você vê que não tem...não tem aquela...comprometimento. O negócio é difícil!

SW: Fernando, tô vendo que tá na hora do seu almoço, já abusei, né? Vou agradecer. F: Gostou?

S: Adorei, queria conversar mais, vou pedir prá te procurar de novo se tiver alguma coisa que eu me lembre ou que eu sinta necessidade...

11.3.

Anexo III – Contatos por e-mail

Apresento algumas dentre as inúmeras mensagens trocadas com os técnicos entrevistados. Selecionei algumas mensagens do tipo “repassadas”, ou seja, mensagens que eles receberam de outros e decidiram enviar a mim e mensagens mais pessoais. Acredito que tanto umas quanto outras ajudam a construir o quadro de suas visões de mundo.

11.4. Anexo IV – Questionário enviado pelo correio

Durante a escrita do trabalho, percebi que alguns dados me faltavam e decidi enviar, pelo correio, o questionário abaixo. Apresento três questionários preenchidos para dar uma idéia do tipo de interlocução que esse instrumento provocou nos entrevistados.

1- Local de nascimento do pai:

2- Grau de instrução do pai:

3- Local de nascimento da mãe:

4- Grau de instrução da mãe:

5- Profissões do pai ao longo da vida (favor identificar as FUNÇÕES que ele já desempenhou e SUBLINHAR a profissão de seu pai quando você ingressou no CEFET-MG)

6- Profissão da mãe no período da sua infância:

7- Se alguns dos genitores (pai ou mãe) faleceu, você estava com quantos anos?

faleceu (A) Meu pai (B) Minha mãe

Eu tinha _____ anos

8- Se algum de seus genitores (pai ou mãe) separou-se do grupo familiar, você estava com quantos anos?

Genitor que separou-se do grupo: _____

Sua idade: _____

9- Profissão dos avós paternos:

10- Profissão dos avós maternos:

11- Local atual de residência dos pais:

Cidade: _____ Bairro: _____

12- QUADRO DOS FILHOS DOS SEUS PAIS (você e irmãos)

Preencha por ordem de nascimento e faça um x na frente da linha onde aparecem os dados referentes a você.

MEMBRO DA FAMÍLIA	SEXO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO ATUAL	ESTU - DOU NO CEFET?	ESTADO CIVIL
1º.FILHO					
2º. FIHO					
3º. FILHO					
4º. FILHO					
5º. FILHO					
6º. FILHO					

Se você tiver mais de 5 irmãos, por favor, complete no verso

13- Com quantos anos você ganhou algum dinheiro pela primeira vez com qualquer tipo de atividade (biscate, emprego, ajuda a alguma atividade rentável da mãe, etc)?

14- Liste, por favor, tudo o que você já fez na vida para obter alguma renda.

15- Na sua casa havia algum tipo de cobrança sobre os estudos? Se havia, quem fazia e como era feita? Ou você estudava mais por sua própria conta?

16- Você tinha na infância algum tipo de obrigação de ajudar em casa, tarefas que fossem sua obrigação? Quais? Com que idade?

17- Por favor, preencha o quadro abaixo sobre as escolas onde você fez o primário e o ginásio: alguma era profissionalizante?

SÉRIE	ESCOLA (Municipal/estadual/particular?)	TOMOU BOMBA?	PROFISSIONALIZANTE? (Diga o curso)
1ª.			

18- No caso de ter ocorrido alguma reprovação, qual foi a reação dos seus pais e irmãos mais velhos?

19- Você cursou Pró-Técnico, Orville Carneiro ou algum outro preparatório para o CEFET? Em caso afirmativo, especifique o curso feito, quem te encaminhou para esse curso e quem arcou com as despesas.

20- Sua idade atual:

21- Seu(s) telefone(s) atual(is), por favor:

22- Seu e-mail, se tiver:

Lembrou-se de uma passagem interessante da sua vida? Aproveite o espaço e o meu total interesse... (use o verso)